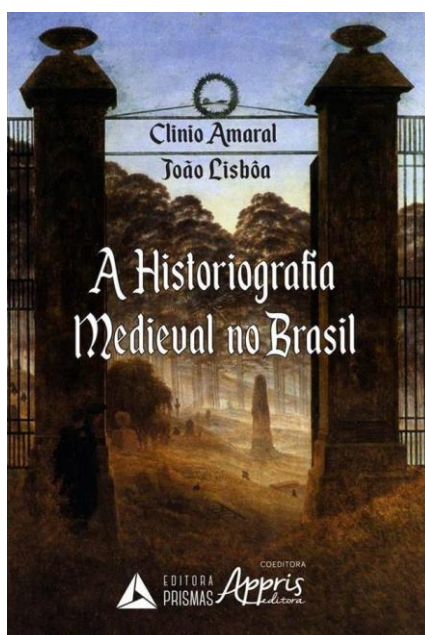


CONTESTAÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA DOS ESTUDOS NÓRDICOS
BRASILEIROS

CONTESTACIÓN DE UNA HISTORIOGRAFÍA DE LOS ESTUDIOS NORDICOS
BRASILEÑOS



GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. Um ensaio historiográfico sobre a Escandinavística brasileira. In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João (Org.). *A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017*. Curitiba: Editora Prismas, 2019, pp. 23-58.

*Johnni Langer*¹

¹ Doutor em História pela UFPR (2001), com pós-doutorado em História Medieval pela USP (2006), supervisionado pelo prof. Dr. Hilário Franco Júnior. Professor do PPGCR-UFPB, membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

As investigações envolvendo estudos nórdicos vêm ocupando cada vez mais importância na academia brasileira e neste sentido, qualquer publicação envolvendo um balanço crítico e historiográfico da área é sempre bem-vinda. O problema básico do recente estudo de Grzybowski; Birro, 2019 é que apresenta várias distorções, omissões² e problemas interpretativos que podem causar ao leitor uma impressão errônea do transcurso da área nas últimas décadas. Dividimos nossa análise e contestações deste estudo em alguns pontos temáticos, que serão percorridos ao longo do presente texto: percurso historiográfico; pós-graduação em temas nórdicos medievais no Brasil; estudos de paganismo (religião nórdica antiga); internacionalização. Ao final, realizaremos um balanço geral crítico.

Percurso historiográfico

O estudo de Grzybowski; Birro, 2019, p. 26-28 apresenta uma trajetória da Escandinavística brasileira claramente iniciada com as teses de Eurípedes Simões de Paula e Sonia Henrich de Mattos entre 1942 e 1959 na Universidade de São Paulo, mas esquecendo todo o debate acadêmico ocorrido durante o Brasil Imperial, envolvendo questões escandinavísticas. Diversos intelectuais, entre os quais historiadores, arqueólogos e naturalistas brasileiros e estrangeiros, debateram a teoria de que os *vikings*³ teriam estado em nosso país antes de Cabral, apontado supostos vestígios arqueológicos, indícios na linguagem indígena e fontes históricas para a comprovação desta ideia. A polêmica nórdica foi vinculada com o círculo intelectual carioca e esteve relacionada intrinsecamente com a nascente historiografia brasileira do período, interessada em criar uma identidade moldada pelo imperialismo e nacionalismo oitocentista (Guimarães, 1988, p. 5-27; Pereira, 2006, p. 271-292). Deste modo, uma historiografia sobre os estudos nórdicos brasileiros deveria, ao menos, citar algum aspecto da polêmica nórdica oitocentista: as traduções em português de estudos do escandinavista Carl Christian Rafn⁴ na *Revista do IHGB* (Rafn, 1840a, p. 210-236); o intercâmbio

² A começar por omitir outros balanços historiográficos da área, publicados em nosso país: Santos, 2015-2016, p. 70-85; Langer, 2017d, p. 9-24.

³ Para um debate conceitual e historiográfico sobre o termo *viking*, além de seu vínculo com a arte e identidade nacional oitocentista, consultar: Langer, 2017c, p. 706-718.

⁴ Carl Christian Rafn (1795-1864) foi um importante filologista dinamarquês, cuja classificação e conceito para o termo *fornaldarsaga Norðurlanda* é utilizado até hoje pelos especialistas em sagas islandesas (Tulinius, 2007, p. 447).

e correspondência entre a *Sociedade Real dos Antiquários do Norte* (Copenhague) e o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro) entre 1839 a 1845 (Rafn, 1840b); a interpretação de que as supostas inscrições da Pedra da Gávea eram runas nórdicas e que as línguas dos indígenas amazônicos eram de origem escandinava (Schuch, 1839); a possibilidade de antigos navegantes serem os autores das inscrições lapidárias brasileiras (Barbosa, 1839, p. 279; Porto Alegre, 1839, p. 76-81); a possibilidade dos *vikings* terem estado no Brasil antes de Cabral (Lund, 1839); a teoria de que a cidade perdida da Bahia era de origem *viking* (Adêt, 1845, p. 494-509); os estudos do naturalista brasileiro Barbosa Rodrigues (publicados pelo Museu Nacional, RJ) defendendo uma origem nórdica medieval dos habitantes antigos da Amazônia (Rodrigues, 1876, p. 45-98).⁵

Com o avanço das pesquisas arqueológicas e históricas no Brasil do século XIX, a polêmica nórdica desaparece da academia brasileira, ficando restrita a pesquisadores europeus, alguns residentes na América do sul, até meados dos anos 1970.⁶

Como os próprios autores apontam (Grzybowski; Birro, 2019, p. 26-28), as pesquisas dos professores Eurípedes Simões de Paula e Sonia Henrich de Mattos na Universidade de São Paulo não geraram impulso ou legado para os estudos nórdicos no país. Foi somente a partir dos anos 1990 que podemos caracterizar como tendo surgido a *Nova Escandinavística brasileira*: de um lado, pesquisadores publicando sobre temas relacionados com a Era Viking e a

⁵ Sobre o tema da polêmica nórdica no Brasil oitocentista, ainda existem inúmeros documentos manuscritos e impressos que ainda não foram devidamente catalogados e analisados pelos historiadores, em língua portuguesa, dinamarquesa e francesa, em arquivos do Rio de Janeiro, Copenhague e Paris. Sobre o tema, consultar: Guimarães, 1994, p. 499-511; Guimarães, 2002, p. 575-576; Holten; Guimarães, 1997, p. 32-44.

⁶ Alguns dos principais acadêmicos defensores da presença nórdica no Brasil pré-cabralino, durante o século XX: Emilio Roger Wagner (1868-1949), diretor do Museu Arqueológico del Estero, Argentina, autor do livro *Archéologie Comparée*, Wagner, 1946, p. 1-102; Doru Toreciu (1921-2008, sob o pseudônimo de Pierre Carnac), professor da l'École Pratique des Hautes Études e da Universidade de Genebra, autor do livro *L'histoire commence à Bimini* (L'Atlantide de Christophe Colombe), Carnac, 1973, p. 206-324; Marcel Homet (1897-1982), diretor do Musée l'Homme, Paris e autor do livro *Les fils du soleil*, Homet, 1959, p. 1-280; Jacques de Mahieu (1915-1990), professor do Instituto de Estudios Humanos em Buenos Aires, autor do livro *Drakkars sur l'Amazone*, Mahieu, 1976, p. 4-198. A maioria destes acadêmicos possuía referenciais nacionalistas, raciais, imperialistas e no caso de Jacques de Mahieu, envolvimento com ideologias nazistas. Ainda não existem estudos analíticos de história ou historiografia sobre a obra destes pesquisadores, que influenciaram muito intelectuais não acadêmicos e artistas no Brasil, especialmente durante as décadas de 1970 a 1990.

Escandinávia Medieval; e de outro, um período inicial de livros de divulgação e manuais traduzidos para o português⁷ e culminando com o surgimento no início dos anos 2000 do periódico *Brathair*.⁸

Na década de 1990 temos a publicação de dois estudos no Rio de Janeiro, um em Juiz de Fora e outro em Porto Alegre, centrais para a compreensão do surgimento da Nova Escandinávica brasileira e que foram totalmente omitidos em Grzybowski; Birro, 2019. Eles são fundamentais para uma historiografia do campo dos estudos nórdicos na academia brasileira.

A professora Maria Lúcia Pascoal Guimarães (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) foi a primeira pesquisadora a realizar uma análise historiográfica da polêmica nórdica, como consequência de seu doutorado sobre o IHGB e o contato com a documentação carioca do período imperial: Guimarães, 1994, p. 499-511. Dois anos depois, a mesma pesquisadora realizou uma interessante parceria com a historiadora dinamarquesa Birgitte Holten (Instituto de História da Universidade de Copenhague), especialista em história da ciência, para investigar a documentação referente ao contato entre intelectuais cariocas e escandinavos. O resultado foi inicialmente uma palestra no encontro da *Latin Studies Association*, no México, em 1997 (Holten; Guimarães, 1997a), e posteriormente, um artigo na revista *Locus*, da UFJF no mesmo ano: *Desfazendo ilusões: o dr. Lund e a suposta presença escandinava na terra de Santa Cruz*⁹ (Holten; Guimarães, 1997b, p. 32-44). Utilizando o referencial da História Cultural, as autoras foram influenciadas pela então recente tradução do clássico de Eric Hobsbaw e Terence Ranger, *A invenção das tradições* (Hobsbawn; Ranger, 1984), preocupando-se em tentar

⁷ Para uma análise crítica dos livros traduzidos na década de 1990 sobre a Era Viking, consultar: Langer, 2016, p. 914-916.

⁸ No presente estudo não revisamos o periódico *Brathair*, visto que o mesmo já foi analisado por Langer, 2016, p. 909-936 e Grzybowski; Birro, 2019, p. 29-32. Um importante veículo para a divulgação da área durante a década de 2000 foi o boletim *Notícias Asgardianas* (ISSN: 1679-913), ainda sem nenhum tipo de análise historiográfica. O mesmo foi veiculado inicialmente pela lista de discussão do *Programa de Estudos Medievais* (UFRJ), de agosto de 2003 a 2008 (as suas edições podem ser acessadas parcialmente neste site: <https://bit.ly/2unGdjR>), depois passou por reformulações editoriais e retornou com novo formato acadêmico, de 2012 a 2017 em site próprio (<https://bit.ly/2UQxeDk>).

⁹ O artigo recebeu nove citações no *Google Scholar* (<https://bit.ly/1IzVuAw>), acesso em 15 de março de 2019.

determinar a construção por parte do império em uma visão de um passado que foi vinculado à Europa antes mesmos dos portugueses e pelo qual os indígenas seriam apenas uma degeneração cultural.

Do mesmo modo pioneiro, outro estudo da mesma década também convergia para as reapropriações do passado nórdico no mundo contemporâneo, mas desta vez na literatura: *Sigurd/Brynhild e Javier Otárola/Ulrica: uma aproximação que singulariza*. A professora Fiorina Torres (Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre) analisou a influência da mitologia nórdica na obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, antecipando uma tendência que seria muito comum na área latino-americana e hispânica décadas depois (Torres, 1997, p. 139-149).¹⁰

Mas sem sobra de dúvida o principal estudo escandinavista desta década é o capítulo: *O conto islandês de Helgi Thorisson (século XIV)*, do historiador Ciro Flamarion Cardoso (Universidade Federal Fluminense), integrante do livro *Narrativa, sentido, história*. Neste estudo, Cardoso realiza a primeira publicação brasileira sobre o universo da literatura nórdica medieval, utilizando a metodologia estruturalista de Propp e Todorov para analisar a narrativa *Helga þátr Þórissonar*, da qual realiza uma tradução completa a partir do inglês (Cardoso, 1997, p. 67-83).

Também extremamente interessado nas investigações sobre religiosidade e mitologia nórdica, Ciro Flamarion Cardoso tornou-se uma figura central para o apoio dos estudos escandinavísticos da década de 2000.¹¹ Em 2004 ocorre a primeira edição do *Simpósio Nacional de Estudos Celtas e Germânicos*, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob coordenação do

¹⁰ Apesar de residir em Porto Alegre, a professora Fiorina Torres não cita nenhuma publicação da escandinavista argentina Nelly Egger de Iölster, que já publicava dezenas de estudos especializados em Literatura e História da Escandinávia Medieval desde 1982, especialmente nos periódicos *Anales de historia antigua y medieval*, *Cuestiones de historia medieval e Temas Medievales*. O primeiro escandinavista brasileiro a citar a historiadora Nelly Egger de Iölster foi Langer, 2006, p. 68. Ainda não foi publicado nenhum estudo crítico ou historiográfico sobre a Escandinavística da América latina ou nos países de língua hispânica.

¹¹ O estudo de Grzybowski; Birro, 2019 não menciona nenhuma publicação ou atividade de Ciro Flamarion Cardoso nos estudos nórdicos, o que é uma lacuna considerável em se tratando de uma historiografia.

medievalista Álvaro Bragança Junior. Um dos temas principais do evento foi a Era Viking.¹² Neste mesmo ano, no periódico do grupo promotor do evento, *Brathair*, Ciro Cardoso foi entrevistado a respeito do paganismo na Europa Setentrional (Cardoso, 2004, p. 164-169). Logo depois, em 2006, publicaria também neste periódico o seu estudo escandinavista mais famoso: *Aspectos da cosmogonia e da cosmografia escandinavas*,¹³ um vigoroso estudo sobre a cosmovisão dos escandinavos pré-cristãos, concentrando-se principalmente em uma discussão do poema *Völuspá* e de certas críticas à obra de Snorri e de intérpretes modernos da mitologia nórdica (Cardoso, 2006, p. 32-48). Cardoso participaria em 2008 do primeiro livro publicado no Brasil sobre o tema dos mitos escandinavos: *Mitologia Germano-Escandinava: do Chaos ao Apocalipse*, organizado pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade, ligado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ciro Flamarion Cardoso também co-organizaria dois eventos onde os estudos nórdicos foram englobados, o *I e II Colóquio de Estudos Celtas e Germânicos*, ambos realizados na Universidade Federal Fluminense, em 2007 e 2009. No primeiro evento, apresentaria o estudo *A interpenetração da cosmogonia religiosa com a história entre os escandinavos*, onde discute as imbricações do mito com o ritual, a sociedade, enfim, com a história da Escandinávia, onde percebe-se nitidamente sua tendência em relacionar fontes literárias do mito com evidências arqueológicas. Este estudo seria publicado em 2012 no periódico *Nearco: revista eletrônica de antiguidade*, UERJ (Cardoso, 2012, p. 8-19). A última contribuição deste historiador para a área no Brasil foi a conferência de encerramento do *V Simpósio Nacional e IV Internacional de Estudos Celtas e Germânicos*, ocorrido na Universidade Federal Fluminense em 19 de outubro de 2012, tratando da questão da paisagem na Islândia medieval. Infelizmente ela permanece inédita até o momento, devido ao falecimento deste historiador em 2013.

¹² A programação, objetivos e apresentação do evento podem ser consultadas em: <https://bit.ly/2OgMdUu> acesso em 15 de março de 2019.

¹³ O artigo recebeu onze citações no *Google Scholar* (<https://bit.ly/1IzVuAw>), acesso em 15 de março de 2019.

Certamente um dos mais paradigmáticos estudos deste período foi o artigo *Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval*,¹⁴ publicado na revista *Signum* (ABREM, Associação Brasileira de Estudos Medievais) em 2005, pela pesquisadora Patricia Pires Boulhosa (Boulhosa, 2005, p. 13-40). Em primeiro lugar, o trabalho é importante por ter sido a primeira inclusão de um estudo escandinavista na então mais importante publicação dos estudos medievais do país. Logo se tornou uma referência para os novos pesquisadores que se dedicavam a estudar a história da Escandinávia Medieval a partir das fontes literárias, especialmente as sagas islandesas.¹⁵

Também houve outras publicações importantes para o desenvolvimento da área durante a década de 2000, mas que não foram relatadas em Grzybowski; Birro, 2019. Uma das mais relevantes, pois se trata do primeiro estudo acadêmico em língua portuguesa sobre a história, historiografia e o conceito sobre os vikings foi *Fúria odínica: a criação da imagem oitocentista sobre os Vikings*, publicada na revista *Varia Historia* da Universidade Federal de Minas Gerais em 2001. Utilizando a perspectiva do imaginário social de Bronislaw Baczko, história da arte de Ernest Gombrich e diversos estudos escandinavistas de Régis Boyer, Andrew Wawn, Raymond Page, Ole Klindt-Jensen e James Graham-Campbell, entre outros, os autores apresentam a primeira produção acadêmica brasileira sobre um imaginário que se tornava muito popular (Santos; Langer, 2001, p. 214-230), especialmente pela publicação na década anterior de diversas traduções estrangeiras sobre vulgarização do mundo nórdico.¹⁶

¹⁴ O artigo recebeu dezenove citações no *Google Scholar* (<https://bit.ly/1zVuAw>), acesso em 15 de março de 2019.

¹⁵ No geral, a participação de Patrícia Pires Boulhosa no contexto nacional dos anos 2000 foi muito pequena, pelo fato de não residir no Brasil. Além de publicar apenas três artigos nesta década, não esteve integrada aos outros pesquisadores, instituições ou em eventos brasileiros. A afirmação de Grzybowski; Birro, 2019, p. 30 sobre a referida pesquisadora: “Dentre suas contribuições mais marcantes para o público nacional (...) são uma tradução sua do poema *Völuspá* para o português” é equivocada, pois esta tradução ainda é inédita, portanto, sem nenhum tipo de possibilidade de ter contribuído para as pesquisas nacionais sobre Escandinavística, muito menos na década de 2000.

¹⁶ Destacando: *Os vikings*, Michael Gibson (1990); *Os vikings: reis dos mares*, Yves Cohat (1991); *Vikings*, John Clare, 1993; *Vikings*, Fiona Macdonald (1996); *Os viquingues: origens da cultura escandinava*, James Graham-Campbell (1997); *As invasões normandas: uma catástrofe?* Albert D’Haenens (1997); *Mitos nórdicos*, Raymond Ian Page (1999); *Introdução à mitologia viking*, John Grant, 2000. Para referência completa destas obras, consultar Langer, 2016, p. 914-016.

Mais estudos fundamentais para a divulgação de novas perspectivas e possibilidades de investigações no mundo nórdicos medieval ocorreram em diversos momentos da década de 2000. O periódico **História & Ensino**, mantido pela Universidade Estadual de Londrina, publicou em sua oitava edição de 2002 o estudo *Os vikings e o estereótipo do bárbaro no ensino de história*, uma pioneira investigação sobre as representações sobre os nórdicos nos livros didáticos e no ensino brasileiro, também concedendo um estudo de caso sobre a aplicação de novos conceitos didáticos e de conteúdo para o ensino médio, realizado em uma escola paranaense em 2001 (Langer, 2002a, p. 85-98). O estudo serviu de base conceitual e teórica para diversos trabalhos de conclusão de curso em licenciaturas de História pelo país nas décadas seguintes, que tiveram como tema os vikings no ensino.¹⁷

Do mesmo modo, uma produção bibliográfica precursora de diversas pesquisas efetuadas durante os anos 2010 no Brasil foi *Morte, sacrifício humano e renascimento: uma interpretação iconográfica da runestone Viking de Hammar I*, publicada na *Mirabilia Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages* em 2003. Nela, pela primeira vez no país, foram discutidos os usos iconográficos de fontes arqueológicas para se estudar a mitologia nórdica durante a Era Viking (Langer, 2003a, p. 93-123, 2003). Outra publicação inovadora no contexto dos anos 2000 foi o artigo *Seiðr e magia na Escandinávia Medieval: reflexões sobre o episódio de Þorbjörg na Eiríks saga rauða*, publicada na *Signum*, periódico da ABREM: Associação Brasileira de Estudos Medievais. Tratou-se da primeira reflexão nacional sobre a questão das práticas mágicas nas sagas de família (*Íslendingasögur*), antecipando diversas pesquisas que se efetuariam na década seguinte, tanto no Brasil quanto na América Latina¹⁸ (Langer, 2010b, p. 177-202).¹⁹

¹⁷ Rastreamento realizado pelo *Google acadêmico* e *Google* pelo título do artigo, em 12 de março de 2019.

¹⁸ As representações da magia na Escandinávia Medieval já haviam sido tema de pesquisas anteriores na América latina e Brasil, mas todas tratando do tema em sagas lendárias (*Fornaldarsögur*): Iölster, 1999, p. 23-42; Barreiro, 2008, p. 159-176; Langer, 2009, p. 66-90.

¹⁹ O artigo de Grzybowski; Birro, 2019, p. 38, afirma que o pesquisador Johnni Langer possui uma produção maior na área do neomedievalismo e recepção: “Outrossim, pelo escopo de interesses e produção majoritária do criador do NEVE, que envolve a recepção escandinava na contemporaneidade”. Analisando o cadastro deste pesquisador na *Plataforma Lattes* (<https://bit.ly/2Fim17S>, acesso em 01 de março de 2019), referente a artigos publicados em revistas indexadas com corpo editorial (período de 2001 a 2019), verificamos que a informação é *totalmente incorreta*: num total de 39 artigos relacionados aos estudos nórdicos medievais, 10 estão vinculados ao neomedievalismo e recepção contemporânea, sendo o restante, 29, tendo associação direta com estudos

Pós-graduação em temas nórdicos medievais no Brasil

A publicação de Grzybowski; Birro, 2019, p. 42-48 apresenta diversos dados sobre a distribuição da produção acadêmica da Escandinavística brasileira (dissertações e teses), da qual discordamos em vários pontos.²⁰ O primeiro é referente aos critérios deste levantamento. Os autores utilizam um conceito sobre a Escandinávia²¹ pelo qual ela seria mutável, fluida e ampliada historicamente além das fronteiras geográficas tradicionais (Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Islândia), englobando também a Groelândia, Rússia, França, Irlanda, Escócia, Inglaterra e países bálticos (p. 24). Concordamos com esse referencial, desde que seja levada em conta a objetiva presença cultural e material dos escandinavos nestas últimas regiões, a partir de determinados momentos da história medieval. Não é possível concordar com os autores quando os mesmos inserem como sendo pesquisas na área estudos, por exemplo, relacionados ao épico *Beowulf*²², poesia heroica e Bíblia na Inglaterra anglo-saxônica, comparação entre heroísmo anglo-saxão e grego ou a Inglaterra ao tempo do rei Alfredo. Assim, deixamos de lado algumas dissertações e teses que os autores incluem em sua tabela,

de Mitologia Nórdica, Religião Nórdica Antiga, Arqueologia da Era Viking, historiografia e teorias da Escandinávia Medieval, Etnoastronomia e mitologias celestes da Era Viking. Não foram computadas resenhas bibliográficas, capítulos de livros, organização de livros, livros autorais, ensaios e matérias de divulgação e popularização científica.

²⁰ A respeito de uma publicação anterior de Langer, os autores comentaram que ela seria uma tentativa de “patrimonialização do campo de estudos” Grzybowski; Birro, 2019, p. 25. O referido artigo deixou de lado várias dissertações e teses que não contemplavam pesquisas relacionadas com crenças, mitos e ritos *devido ao seu recorte temático*, conforme definido logo em seu início: “No presente trabalho não serão levados em consideração artigos, ensaios, livros e pesquisas de pós-graduação em estudos nórdicos medievais que não tenham relação direta com religiosidade (mito, rito ou magia). Ou seja, alguns estudos de História, Literatura, Arqueologia e outras áreas da Escandinavística Medieval produzidos no Brasil não serão avaliados no artigo” (Langer, 2016, p. 910).

²¹ Os autores claramente querem fundir as noções históricas e geográficas da *Europa Setentrional* com as de *Escandinávia*, o que a nosso ver é um erro. Por mais conexões e intercâmbios que estas regiões tenham em comum, existem também várias diferenciações, segmentações e oposições que ainda geram a necessidade por parte dos pesquisadores de utilizar noções distintas para estes conceitos. Para uma discussão bibliográfica dos conceitos de Escandinávia e Era Viking, consultar: Langer, 2017b, p. 212-220; Langer, 2017a, p. 226-229.

²² Uma das mais completas sistematizações sobre literatura nórdica medieval, por exemplo, não inclui nenhuma entrada para o épico *Beowulf* (Mcturk, 2007, p. 1-535), do mesmo modo que a *Encyclopaedia of the Viking Age*, do historiador John Haywood (Haywood, 2000, p. 6-222).

a não ser quando a pesquisa objetivamente trata da presença escandinava neste local e contexto.

Também não inserimos diversas dissertações não citadas pelos autores, referentes ao material germânico continental, como *A canção dos Nibelungos*, ou dissertações e teses (especialmente da área de Letras) que analisam a obra do escritor J. R. R. Tolkien. Outras pesquisas inicialmente incluídas pelos autores – como as relacionadas a tradições neopagãs ou ocultismo da Alemanha e Inglaterra contemporâneas - foram descartadas, pois tem conexão com o paganismo saxão ou germânico antigo e não com o mundo escandinavo propriamente dito. Caso fossem pesquisas voltadas para o neopaganismo nórdico, seriam incluídas. Assim, não entraram em nosso levantamento pesquisas consideradas tradicionalmente como sendo da Germanística Medieval, estudos anglo-saxônicos²³ (ou de história da língua e literatura inglesa),²⁴ *wicca* e a tradição mágica inglesa e o ocultismo alemão.²⁵

Tabela 1: Levantamento de dissertações e teses envolvendo o tema dos estudos nórdicos medievais defendidas no Brasil até 2018.²⁶

Nome	Universidade	Ano	Nível	Área do PPG	Título
Eurípedes de S. de Paula	USP	1942	Doutorado	História	<i>O comércio varegue e o Grão Principado de Kiev</i>
Sonia Henrich de Mattos	USP	1959	Livre-Docência	Letras	<i>Deuses e heróis na Edda Poética e na tetralogia de Wagner</i>

²³ Incluímos a tese de doutorado: *As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (IX-X)* pelo fato de analisar a presença escandinava na Inglaterra anglo-saxônica.

²⁴ Incluímos a dissertação de mestrado: *Mito e música em Wagner e Nietzsche* devido ao uso constante do autor de análise da *Völsunga saga*, fonte literária escandinava do medievo.

²⁵ Percebe-se nitidamente que os autores englobaram essa variedade ampla de temas de pesquisas *unicamente* para tornar a USP o principal centro de pesquisas escandinavas do Brasil. Dessa maneira, a pesquisa de Grzybowski; Birro, 2019 se configura ideologicamente enviesada, bem como influenciada por referenciais do presente, armadilhas das quais não conseguem se afastar, eles mesmos, após declararem conhecimento de tais processos: “Imperam em alguns casos preferências políticas, étnicas, religiosas e filosóficas, como pudemos perceber em nosso levantamento. De fato, o historiador não é isento (...)” (Grzybowski; Birro, 2019, p. 53).

²⁶ Nosso levantamento utilizou o banco de teses da CAPES, com os termos de busca: Viking, Vikings, Era Viking, Escandinávia, Sagas islandesas, Mitologia Nórdica, Literatura Nórdica Medieval, Normandos. *Catálogo de teses e dissertações da CAPES*: <https://bit.ly/2DFa5xA> Pesquisas efetuadas entre janeiro e março de 2019. Também foram utilizadas as ferramentas de busca *Google* e *Google scholar*.

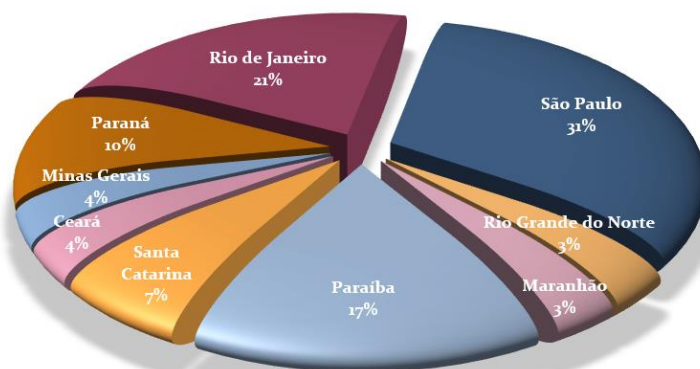


Luiz Claudio Moniz	UERJ	2005	Mestrado	Filosofia	<i>Mito e música em Wagner e Nietzsche</i>
Ana Gabriela Antunes Ribeiro	UNESP	2006	Mestrado	Letras	<i>O mito dos gigantes na Escandinávia, da Idade Média às narrativas populares do século XIX</i>
Valéria Sabrina Pereira	USP	2006	Mestrado	Letras	<i>Die küneginne rîch - o mundo feminino em 'A Canção dos Nibelungos' e 'A Saga dos Völsung</i>
André S. Muceniecks	UFPR	2008	Mestrado	História	<i>Virtude e Conselho na Pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)</i>
Adilson de Souza Filho	UMSP	2012	Doutorado	Ciências das Religiões	<i>A desconstrução do conceito de saga na teologia da criação de Karl Barth</i>
Pablo G. Miranda	UFRN	2013	Mestrado	História	<i>Guerra e Identidade: um estudo da marcialidade na Heimskringla</i>
André Oliveira	UFMA	2013	Mestrado	História	<i>Imaginário e identidade na conversão da Islândia</i>
Renan M. Birro	UFF	2013	Mestrado	História	<i>Rex Perpetuus Norvegiae: A sacralidade régia na monarquia norueguesa e a santificação de Óláfr Haraldsson (c. 995-1030) à luz da literatura nórdica latina e vernacular (sécs. XI-XII)</i>
Fabio Antonio Costa	PUC-SP	2013	Mestrado	História	<i>Humor e a crítica em Hagar, o horrível, de Dik Browne</i>
Munir Luft Ayoub	PUC-SP	2013	Mestrado	História	<i>Goðkynnngir: o rei escandinavo como ponte entre deuses e homens.</i>
Suênia de Sousa Amorim	UFPB	2013	Mestrado	Ciências das Religiões	<i>Mito, magia e religião na Volsunga saga</i>
André S. Muceniecks	USP	2014	Doutorado	História	<i>Austrvegr e Gardaríki - (re)significações do leste na Escandinávia</i>
Flávio Guadagnucci Palamin	UEM	2014	Mestrado	História	<i>O Guerreiro Viking na Edda Poética: Religiões, Mitos e Heróis</i>
Theo de Borba Moosburger	UFSC	2014	Doutorado	Tradução	<i>Brennu-Njáls saga: projeto tradutório e tradução para o português</i>
Fabricio de Paula Gomes Moreira	UFOP	2014	Mestrado	História	<i>A constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' entre os séculos X e XII</i>
Dorothee de Bruchard	UFSC	2015	Doutorado	Tradução	<i>Tradução, edição: William Morris e o livro ideal</i>
José Lucas Cordeiro Fernandes	UECE	2016	Mestrado	História	<i>In sorte diaboli: cultura escrita e a construção do imaginário de demonização do pagão na Brennu-Njáls saga (spéc. XIII)</i>
Ricardo M. de Oliveira	UFPB	2016	Mestrado	Ciências das Religiões	<i>Feras petrificadas: O simbolismo religioso dos animais na Era Viking</i>
Tiago Quintana	UFRJ	2016	Mestrado	Linguística	<i>Incitado à vingança pelo céu e inferno? Um estudo dos discursos de vingança nas histórias de Amléth, Hamble e Hamlet</i>
Isabela Dias de Albuquerque	UFRJ	2017	Doutorado	História	<i>As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (IX-X)</i>
Andressa Ferreira	UFPB	2017	Mestrado	Ciências das Religiões	<i>Nykr, o espírito da água nórdico: Mitologia, folclore e arte</i>
Renan M. Birro	USP	2017	Doutorado	História	<i>As representações de Sigurdr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)</i>
Ângela Albuquerque de Oliveira	UFPB	2017	Mestrado	Ciências das Religiões	<i>Concepções escatológicas na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã: um estudo comparativo</i>

Leandro César Santana Neves	UFRRJ	2018	Mestrado	História	<i>Bendita és tu entre as mulheres de Rus: O discurso hagiográfico sobre (Santa) Olga de Kiev (Rus – Séculos XI a XIII)</i>
Fábio Baldez	UFRRJ	2018	Mestrado	História	<i>A guerra na Era Viking: a cultura guerreira como elemento construtivo do poder e carisma do rei escandinavo (séculos X e XI)</i>
Luciana de Campos	UFPB	2018	Doutorado	Letras	<i>Literatura e mito na Escandinávia Medieval: aspectos da mulher guerreira na saga de Hervor</i>
Sara Carvalho Divino	UEPG	2018	Mestrado	História	<i>Nas mentes nórdicas: reinterpretando o bastão mágico da volva e desvendando o discurso mágico pagão</i>

Analisando a tabela 1, percebemos que a maioria absoluta das pesquisas foram efetuadas na área de História (16), seguida de Ciências das Religiões (5), Letras (4), Tradução (2), Filosofia (1) e Linguística (1). Para o primeiro caso isso é explicado pelo fato da maioria dos orientadores das pesquisas serem historiadores e estarem inseridos em Programa de Pós-graduação em História pelo Brasil. Para o segundo caso, o orientador da maioria das pesquisas está cadastrado no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Gráfico 1: Dissertações e teses sobre Escandinávia Medieval por estado (1942-2018). Fonte: Do autor (2019).



A região predominante das pesquisas é o Sudeste (Gráfico 1), concentrando 16 pesquisas, seguido do Nordeste (8) e região Sul (5). Por estado, o panorama é mais distribuído,

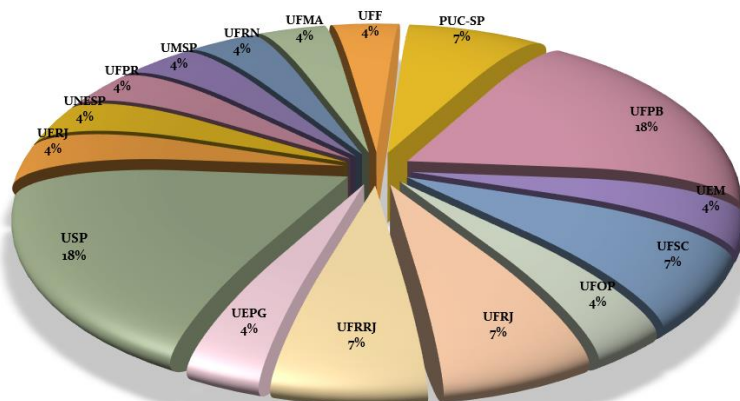
ocupando São Paulo (9), Rio de Janeiro (7), Paraíba (5), Ceará (1), Paraná (2), Santa Catarina (2), Maranhão (1), Rio Grande do Norte (1). Apesar de ser mais numeroso, São Paulo possui duas teses dos anos 1940-1950 e considerando que as pesquisas da Nova Escandinavística foram desenvolvidas essencialmente após os anos 2000, temos um equilíbrio entre São Paulo e Rio de Janeiro de 2005 em diante. Por instituição, o quadro muda totalmente: USP (Sudeste) e UFPB (Nordeste) contam com 5 pesquisas cada uma. Assim, ao contrário dos dados de Grzybowski; Birro, 2019, p. 42-46, São Paulo não concentra a produção massiva dos estudos e muito menos, é o berço histórico da Escandinavística nacional. Levando em conta a quantidade de dissertações e teses em andamento na área,²⁷ a Universidade Federal da Paraíba englobará a maior quantidade de pesquisas ainda no ano de 2019.

Com relação aos temas de pesquisas (Gráfico 2), ocorre uma predominância nos aspectos relacionados com História das religiões:²⁸ Rito, religião, crenças (29%) e Mitologia Nórdica (21%), algo explicado pela presença geral de historiadores nas pesquisas e orientações da área. Isso leva também a elucidar o terceiro tema: História, com 29%. Aspectos literários (11%) e traduções (7%) foram desenvolvidos por especialistas do campo das Letras. Pesquisas em recepção contemporânea (3%) envolvem tanto historiadores quanto cientistas das religiões.

²⁷ UFPB: Pablo Gomes de Miranda (doutorado), Leandro Vilar Oliveira (doutorado), Andréa Caselli (doutorado), Victor Hugo Sampaio (mestrado), Susan Tsugami (mestrado), Jardiel Roberto da Silva Barbosa (mestrado), Monicy Araújo (mestrado), Mirelly Silva (mestrado); USP: Munir Lutfe Ayoub (doutorado), Lucas Ricardo Simone (doutorado), Thais Gomes Trindade (mestrado); UNICAMP: Fabricio de Paula Gomes Moreira (doutorado); UFRGS: Andreli de Almeida Zanirato (mestrado); UFF: Patrick Zanon Guzzo (doutorado), Gabriela Frazão (mestrado), Lucas Pereira Rodrigues (mestrado); UFRJ: Tiago Quintana (doutorado), Leandro César Santana Neves (doutorado); UNICENTRO/Guarapuava: Isabelle Maria Soares (mestrado); UFMT: André de Oliveira (doutorado). Sobre este último pesquisador, Grzybowski; Birro, 2019 cometeram um equívoco (p. 36), ao colocar o mesmo com enquadrado fora dos três grupos de pesquisa da área (*Brathair*, NEVE, LEM), mas na realidade, André de Oliveira é membro do NEVE.

²⁸ Grzybowski; Birro, 2019, p. 39 afirmam que os membros do NEVE “defendem seus hobbies e/ou preferências religiosas em acalentadas discussões que escapam de alguns debates já consolidados nos meios universitários”. Em nenhum momento os pesquisadores do NEVE se envolvem em referenciais confessionais no tocante aos estudos da religião e religiosidades, assumindo uma postura extremamente científica e acadêmica de debate, mesmo em veiculação, divulgação e popularização científica nos diversos meios de comunicação.

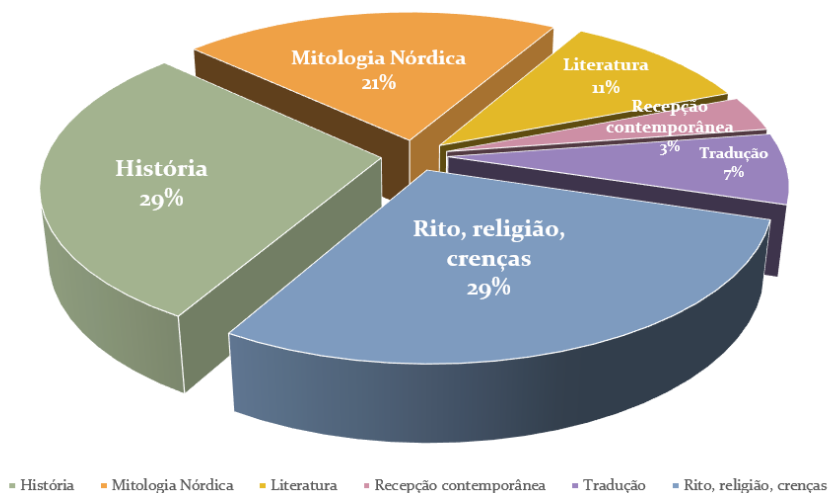
Gráfico 2: Dissertação e teses sobre *Escandinávia Medieval* defendidas por instituições de ensino superior (1942-2018). Fonte: do autor (2019).



Não temos condições aqui de realizar uma análise historiográfica detalhada dos trabalhos de pós-graduação na área, pela falta de espaço. Mas concederemos um rápido olhar de um ponto de vista quantitativo em dois pontos da Nova Escandinavística (a partir de 1997): metodologias e referenciais bibliográficos. Das 27 pesquisas (ver tabela 1), oito são resultados de análises comparativistas, especialmente utilizando referenciais da História Comparada, Literatura Comparada, Hermenêutica e Folclorística, tanto em perspectivas diacrônicas quanto sincrônicas; duas são estudos de tradução; a maioria (19), transita entre a História Cultural, investigações historiográficas e abordagens da História das Religiões.

A maior parte dos trabalhos utilizou traduções para a análise das fontes primárias (conforme constatado por Grzybowski; Birro, 2019, p. 47-58), mas o estudo das linguagens originais, instrumentos linguísticos e análise dos textos medievais já aparece mesmo durante os anos 2000, com a dissertação de André Muceniecks (2008), seguindo de forma mais regular na década de 2010: Pablo Miranda (2013), André de Oliveira (2013), Renan Birro (2013), André Muceniecks (2014), Theo Moosburger (2014), Dorothee de Bruchard (2015), Renan Birro (2017) (ver tabela 1).

Gráfico 3: *Temas das dissertações e teses (1942-2018)*. Fonte: Do autor (2019)



Os escandinavistas estrangeiros mais citados foram Peter Sawyer (12), Margaret Clunies Ross (10) e Georges Dumézil (7). Sawyer e Ross são alguns dos autores mais representativos na produção da área em língua inglesa, enquanto que Dumézil possui um dos poucos livros acadêmicos traduzidos ao português até o momento: esses três autores constam em diversas bibliotecas públicas e universitárias de São Paulo e Rio de Janeiro, explicando a sua exposição desde a dissertação de Moniz (2005, ver tabela 1). Durante a década de 2010 o contato com a produção estrangeira aumentou consideravelmente, devido ao acesso possibilitado pelas buscas da internet. Percebemos uma maior utilização de pesquisadores alemães, islandeses, dinamarqueses e suecos, apesar da maioria das bibliografias ainda continuarem a ser em língua inglesa. Quanto à produção nacional, o primeiro trabalho a citar brasileiros foi o de André Muceniecks (2008), sendo uma tendência mais contínua a partir de 2012: os mais referenciados foram Johnni Langer (18), Patrícia Boulhosa (10) e Ciro Flamarion Cardoso (5).

De maneira geral, os primeiros trabalhos eram mais frágeis, de um ponto de vista metodológico, bibliográfico e conceitual. Uma melhoria significativa teve início com a orientação ou co-orientação de medievalistas nas pesquisas, iniciado primeiramente com a dissertação de André Muceniecks (2008) e com continuidade em Pablo Miranda (2013), André Oliveira (2013), Renan Birro (2013) e Munir Lutfé Ayoub (2013), sendo uma constante a partir

de 2014. Mas mesmo assim, salientamos a ausência de uma tradição escandinavística no Brasil, afetando de forma geral os trabalhos efetuados na área.

Uma maior inclusão do país no cenário internacional, como intercâmbios e a participação em estágios e cursos na Europa (que apontaremos na próxima seção), certamente criará mais oportunidades para as pesquisas em andamento vislumbrarem novas possibilidades de abordagens e interpretações.

Estudos de paganismo (religião nórdica antiga) e religiosidade escandinava medieval

Analisando a produção de pós-graduação na área, Grzybowski; Birro, 2019 concluíram que elas em sua maioria tratam de temas religiosos e podem ser divididas em três preocupações principais: o período pagão, o período de transição e o processo de cristianização (p. 47-52). Sobre a questão das fontes nos estudos da religiosidade medieval, os autores alegam duas perspectivas de trabalho no Brasil, especialmente no tocantes às fontes escritas durante os séculos XII ao XV, seriam divididas em dois grupos principais: uma corrente influenciada por uma interpretação de que as informações textuais seriam dados objetivos advindos dos tempos pagãos (a *Freiprosa*, prosa livre); e outra, pesquisas que levariam em conta as considerações da corrente *Buchprosa* (prosa livresca), que consideraria os textos como composições autorais (Grzybowski; Birro, 2019, p. 49). A constatação é válida, mas com um reparo: diversos trabalhos de pós-graduação foram influenciados pela perspectiva da prosa livre, mas também levaram em conta a articulação ideológica e social do momento em que as fontes escritas foram compostas, como podemos perceber nos trabalhos de Pablo Gomes de Miranda (2013), Munir Lutfe Ayoub (2013), André de Oliveira (2014) e José Lucas Fernandes (2016) (ver tabela 1). Ou seja, nem sempre podemos colocar de forma dicotômica essas perspectivas na pós-graduação brasileira, pois já existiam publicações nacionais anteriores articulando os dois referenciais antes de 2012.²⁹

²⁹ Em 2011 o historiador Johnni Langer publicou na *Revista Brasileira de História das Religiões* o primeiro estudo sobre religião nas sagas islandesas que articulava essas duas tendências (Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da Njáls saga), demonstrando tanto uma influência ideológica provinda do conflito entre a monarquia norueguesa e a aristocracia islandesa do período centro-medieval (época e contexto da produção escrita das sagas islandesas), quanto da

A questão da transmissão de crenças pela oralidade na Escandinávia após a cristianização e durante a composição das sagas islandesas e *Eddas* (além de outras fontes textuais), constitui um tema de amplo debate em toda a Escandinavística, indo muito além da simples oposição entre as concepções da *Freiproza* e *Buchprosa*, também estando relacionada a outros confrontos teóricos e axiológicos, como *nativo vs. continental; História vs. Ficção, Periferia vs. Centro*.

Assim, acreditamos de que o panorama das publicações e trabalhos de pós-graduação no Brasil dos anos 2000 ainda era extremamente influenciado por um referencial de interpretação mais literal das fontes textuais, mas após o ano de 2010 as pesquisas começaram a tornar-se mais críticas. O contato com bibliografias e debates mais atualizados trouxeram novas perspectivas metodológicas e conceituais. Mas não concordamos com os autores no momento que nitidamente privilegiam um referencial teórico de que todos os textos remetem a uma autoria transformadora e adaptadora da tradição, pois isso nem sempre ocorre de maneira idêntica e geral, sendo necessário examinar cada tipo de fonte e seu contexto. Na realidade, Grzybowski; Birro, 2019 se vinculam a um grupo de pesquisadores latino-americanos que de maneira geral contesta genericamente a oralidade e o uso de fontes tardias ao período retratado no conteúdo narrativo (concepção derivada da *Buchprosa*, que chamamos aqui de *hipercrítica*). Essa “corrente” vem conquistando espaço, mas está longe de ser a única ou mesmo hegemônica nos estudos internacionais da área.

Em 2016 o pesquisador argentino Santiago Barreiro publicou um estudo hipercrítico sobre o caráter histórico das sagas islandesas, aludindo que as representações sobre os pagãos e a magia nestas fontes foram produtos da imaginação e da alteridade dos escritores cristãos, especialmente criticando a perspectiva oral, uma das vias para afirmar uma suposta tradição nativa de conteúdos anteriores à cristianização da Escandinávia (“(...) em sua forma original é inalcançável”, Barreiro, 2016, p. 102). O autor também afirma que “a tradição oral não deixou

existência de uma tradição mitológica preservada pela memória e tradição oral (nas ressignificações das figuras de Odin e Thor) (Langer, 2011, p. 1-22).

registro material” (p. 106), uma alegação altamente contestável,³⁰ além de refutar a ideia de continuidade de uma tradição germânica antiga.³¹

As teorias orais românticas foram criticadas na transição do século XIX para o XX, especialmente por teóricos da literatura medieval, que advogavam um referencial de que eram todos produtos eruditos, extraídos somente de fontes e modelos latino-clássicos (Batany, 2002, p. 188). A concepção das tradições orais retornou à academia após os estudos de Alberto Lord e Milman Pary nos anos 1930 a 1950. Já não se tratava mais de uma busca pelas “origens”, qual os autores românticos almejavam (em torno de ideais nacionalistas), mas de admitir também

³⁰ Em alguns casos, podemos através da iconografia comprovar alguns esquemas da tradição oral, como a tradição da pesca da serpente por Thor. Em específico, o detalhe dos pés do deus atravessando o fundo do barco (descrito por Snorri Sturlusson na *Edda em Prosa*) foi registrado em monumentos anteriores, como as pedras de Hørdum e Altuna. Segundo Christopher Abram (2011, p. 38), isso seria uma evidência de que Snorri não inventou o mito (apesar de alterá-lo em linhas gerais para uma nova versão, adaptada ao contexto cristão). “Like poems and narratives, pictures on physical objects (for instance, stones and buildings) transmitted scenes from myths and legend (...) pictorial and oral performance were engaged in dialogue, pointing to the fact that image and orally-delivered words constituted not only parallel media, but also *interrelated media*” (Hermann, 2018, grifo nosso). Ainda sobre a questão da oralidade e cultura material, consultar o estudo da arqueóloga Sara Knutson, analisando objetos associados à deidades nórdicas, cujo “esquema mítico” foi transmitido oralmente e preservado pela literatura medieval (Knutson, 2019, p. 29-53). Apesar de concordamos que toda fonte tenha que passar por metodologias rigorosas de análise e crítica, não nos alinhamos com o referencial de Santiago Barreiro de que para o estudo das crenças e práticas nórdicas antes da conversão religiosa devemos eleger como prioridade *somente* as fontes arqueológicas, iconográficas e os poemas éddicos, (Barreiro, 2016, p. 97-115).

³¹ “A ideia de uma ‘tradição germânica’ deve ser descartada, porque é pouco mais do que uma construção acadêmica que reflete uma concepção de cultura, de tradição nacional populista (völkisch), felizmente ultrapassada” (Barreiro, 2016, p. 107). A teoria da continuidade germânica, ou de uma tradição germânica, aos moldes de Rudolf Much e Otto Höfler (influenciados pela Ahnenerbe) está academicamente ultrapassada, mas as aplicações de uma concepção pan-germânica ainda vigoram, por exemplo, em trabalhos como os do pesquisador Andreas Nordberg (Universidade de Estocolmo) em suas considerações sobre o dinamismo da Religião Nórdica antiga: existiu uma aristocracia pan-germânica na qual a região Escandinávia foi influenciada (uma continuidade cultural comum – religião/deidades supra-regionais, germânicas), mas que recebiam variações regionais e locais, conforme adaptações socioculturais e espaciais específicas (Nordberg, 2018, p. 26-88; Nordberg, 2012, p. 119-152). Em um vigoroso artigo, Stephen Mitchell debateu os abusos na utilização do conceito de continuidade, especialmente pelos referenciais nacionalistas, adotando a visão de uma tradição dinâmica e a recontextualização de um material herdado (Mitchell, 2014, p. 41-58). Também o recente livro do renomado Lars Lönnroth, *Det germanska spåret: en västerländsk litteraturtradition från Tacitus till Tolkien* (2017), reacende os debates sobre o uso de tradição germânica, não mais de um ponto de vista linguístico, mas a partir da História cultural da literatura. Na obra, o autor busca uma tradição germânica desde a Antiguidade até os nossos dias, demonstrando tanto modificações quanto mudanças, dentro do referencial de uma continuidade histórica.

as interferências de antigas fórmulas e temas mnemônicos na produção escrita do medievo. Entre 1958 e 1981 diversos escandinavistas, a exemplo de Robert Kellog, Winfred Lehmann, Lars Lønnoth, Klaus von See, Anatoly Liberman e Joseph Harris publicaram estudos reforçando uma natureza oral na literatura nórdica medieval, especialmente para a poesia éddica, mas também incluindo poemas contidos nas sagas islandesas e os *þættir*.³²

O impacto da teoria oral nos estudos nórdicos recentes foi muito amplo.³³ A partir dos anos 1990 ocorreu entre os escandinavistas outros debates paralelos, presentes entre os medievalistas franceses e norte-americanos: a coexistência e intercâmbio entre oralidade e literatura, suas conexões e seus desdobramentos nas teorias da performance e do letramento

³² Para um detalhado debate histórico-literário sobre a oralidade na Escandinávia medieval, consultar: Harris, 2005, p. 111-126. Paralelamente, entre os anos 1970 e 1980 temos o estabelecimento do conceito de *literatura oral*, por parte de antropólogos, historiadores e especialistas em literatura (Jan Vansina, Ruth Finnegan, Walter Ong, entre outros). Especialmente o livro *Oral Poetry*, de Ruth Finnegan (1977), vai ser fundamental para as pesquisas posteriores, em seu questionamento de uma sociedade oral “não contaminada”, concedendo ênfase na performance, no poeta e na variação da transmissão, alargando o modelo da formulação oral de Parry e Lord (Finnegan, 1992, p. 24, 140).

³³ Em 2000 o livro *Old Icelandic Literature and Society* (editado por Margaret Clunies Ross) continha o capítulo “From orality to literacy in medieval Iceland”, de Judy Quinn. A importância da oralidade continuou ganhando espaço com quatro estudos na coletânea *Learning and understanding in the Old Norse world* (editado por Quinn, Heslop e Wills em 2007). Também é importante assinalar o espaço obtido pelo escandinavista Alaric Hall no importante compêndio de sistematização medievalista promovido pela Universidade de Cambridge em 2008: *Methods and the Medievalist: Current Approaches in Medieval Studies*, com o capítulo “The Orality of a Silent Age: The Place of Orality in Medieval Studies”. No âmbito dos debates literários, temos a publicação em 2010 de uma extensa coletânea organizada pela escandinavista Else Mundal e baseada objetivamente nos referenciais teóricos de Ruth Finnegan (*Along the Oral-Written Continuum Types of Texts, Relations and their Implications*), com a inclusão de dez estudos sobre a área escandinava medieval, com nomes como Joseph Harris e Judith Jesch. Demonstrando a penetração da teoria oral não somente entre os acadêmicos norte-americanos, ingleses e escandinavos, em 2012 foi publicada em Berlim a extensa coletânea *Medieval Oral Literature* (editada por Karl Reichl), contando com sete estudos da área germano-escandinava, incluindo pesquisadores de prestígio como Joseph Harris e Thomas DuBois. A atual importância epistemológica dos estudos orais pode também ser percebida em outra coletânea escandinavista, reunindo os três primeiros estudos do livro *Studies in the Transmission and Reception of Old Norse Literature* (2016, organizado por Judy Quinn e Maria Cipolla), tratando especificamente da oralidade em Snorri Sturluson e discussões filológicas e críticas ao caráter oral dos textos nórdicos medievais. A teoria oral também vem sendo aplicada a outros tipos de textos medievais, como os jurídicos (Orality in the Old Icelandic Grágás, de Michael P. McGlynn, *Neophilologist*, 2009). Outras possibilidades teóricas envolvendo a oralidade foram inseridas na vasta coletânea *Handbook of Pre-Modern Nordic Memory Studies: Interdisciplinary Approaches* (2018), com mais de mil páginas e a participação de mais de 100 pesquisadores, do qual destacamos especialmente os estudos Orality and Oral Theory (Stephen A. Mitchell), Orality (Gísli Sigurðsson), Mnemonic Methods (Pernille Hermann), Memorial Toasts (Lars Lønnoth), Strategies of Remembering (Laura Sonja Wamhoff), Remembering Origins (Verena Höfig).

(advindos especialmente da obra *A letra e a voz*, 1987, de Paul Zumthor e *Oralidade e letramento na Grécia Antiga*, 1992, de Rosalind Thomas). Esse impacto se fez presente tanto nos estudos literários quanto nas investigações sobre religião, religiosidade, crenças e mitos. Em 1995 foi publicado o seminal livro *The origins of drama in Scandinavia*, de Terry Gunnell, utilizando um amplo leque de fontes (poemas éddicos, folclore, arte rupestre, sagas islandesas, etc.) para demonstrar o potencial dramático contido nas fontes textuais antigas e medievais da Escandinávia. Especificamente com relação ao conteúdo histórico das sagas islandesas, a publicação envolvendo a teoria oral com maior repercussão foi *The medieval icelandic saga and oral tradition*, de Gísli Sigurðsson (2004). Em um capítulo analisando os conteúdos míticos existentes na *Hænsa-Þóris saga* (uma saga escrita no século XIII e com ações que ocorrem entre os anos 930 e 999), atestou que a base da narrativa era bem conhecida na tradição oral e que a audiência estava muito familiarizada com os mitos e contos tradicionais (Sigurðsson, 2004, p. 321-328).³⁴

Esse panorama conceitual e metodológico utilizando a perspectiva oral também pode ser atestado nas mais importantes publicações sobre o tema da religião nórdica pré-cristã das últimas décadas, contestando que seria uma tendência ultrapassada.³⁵ Em 1999 Thomas DuBois publicou uma das mais influentes pesquisas sobre o tema (*Nordic religions in the Viking*

³⁴ Edward Haymes critica os usos da teoria oral sem maiores reflexões documentais e metodológicas – mas também alega uma forte similaridade entre a poesia éddica e a tradição germânica do Sul, supondo uma origem em comum – ao mesmo tempo também apontando várias diferenças em estilo e forma, sugerindo uma ruptura entre as tradições. Haymes afirma que os poemas éddicos não foram produtos de improvisação, mas de memorização com poucas alterações entre os *performes* (Haymes, 2004, p. 43-62). Recentemente, apesar de ainda acreditar em uma contínua tradição oral preservada pela literatura nórdica medieval, o pesquisador Gísli Sigurðsson vem concebendo os textos medievais tanto como produtos de sua época e ao mesmo tempo, antigos (ao preservarem a memória nativa), mas alerta especialmente da necessidade de novas pesquisas enfocando a oralidade nas sagas islandesas, referencial que permitiria compreender mais profundamente a poética além dos estudos tradicionais de análise literária (Sigurðsson, 2016).

³⁵ Não temos espaço para realizar um amplo panorama bibliográfico e crítico das principais pesquisas recentes sobre religião nórdica antiga. Para este fim, consultar: Schjødt, 2007, p.1-16. Ainda confirmando o atual prestígio da teoria oral e do uso de textos tardios para o estudo dos mitos e ritos nórdicos pré-cristãos, verificar a programação de um dos mais importantes eventos acadêmicos da área (*The Aarhus Mythology Conference 2019*): Frog (Helsinki): Orality Studies. The orality behind the source texts; Terry Gunnell (Reykjavík): Myth and ritual seen as performance rather than written text; Pernille Herman (Aarhus): Memory studies and their relevance for Old Norse mythology; entre outros (<https://bit.ly/2YYBzpd>).

Age), enfocando as múltiplas influências e conexões culturais da religião nórdica antiga com regiões circunvizinhas, também atentando para as múltiplas variações regionais, sociais e históricas – demonstrando que as crenças nórdicas antes da cristianização não eram estáticas ou uniformes, mas estavam inseridas em um amplo e dinâmico hibridismo cultural. Sua abordagem multidisciplinar e comparativa envolveu a utilização de várias fontes tardias, especialmente as sagas islandesas (como em sua análise intercultural do *seiðr*, DuBois, 1999, p. 122-138). Por sua vez, no livro *Initiation between two worlds: structure and symbolism in pre-Christian scandinavian religion*, 2008, o historiador Jens Peter Schjødt ao estudar os ritos iniciatórios no mundo nórdico antigo em uma perspectiva estruturalista e comparativa, também utilizou fontes tardias (inclusive as *fornaldarsögur*).³⁶

³⁶ “There is a great probability (but no certainty) that we are dealing with authentic features from pre-Christian religious, in connections with the unconscious use of pagan myth and ritual features (...) and for this reason we are obliged to authenticate them by means of comparisons” (Schjødt, 2008, p. 102-103). Uma das críticas centrais de Barreiro, 2016; Grzybowski; Birro, 2019 e Grzybowski, 2019 é o questionamento da utilização de fontes textuais tardias para o estudo dos mitos e do paganismo nórdico. Uma destas fontes, as *fornaldarsögur* (do qual utilizamos a *Bósa saga ok Herrauðs*, ver: Langer, 2009 – artigo debatido e questionado por dois dos autores mencionados), vem recentemente sendo reavaliadas e utilizadas por vários especialistas como um importante material para o estudo da mitologia e religiosidade antiga. Para um panorama deste debate, sob um ponto de vista histórico e da nova filologia, consultar: Orning, 2015, p. 57-73. Para um vislumbre do conteúdo oral das *fornaldarsögur* e seu emprego como fonte para o estudo da magia nórdica, verificar: Guðmundsdóttir, 2015, p. 39-56. Um excelente e atualizado debate sobre os usos das sagas islandesas como fonte para o estudo da religião nórdica pré-cristã foi realizado por Heide, 2014, p. 170-180, utilizando especificamente a *Bárðar saga Snæfellsáss* como exemplo. Para este pesquisador, apesar da inclusão de diversos motivos literários e ressignificações cristãs no texto, por meio do referencial da espacialidade e cosmologia muitos temas pré-cristãos podem ser recuperados nas sagas islandesas. Ainda sobre o uso das fontes tardias para o estudo da magia nórdica medieval, também consultar: Dillman, 2006, p. 10-700; Tolley, 2009, vol. II, p. 104-116; 131-132; 135-200. Uma das críticas para a obra de François-Xavier Dillmann é a de que as sagas contemporâneas quase não mencionam qualquer tipo de referência para práticas mágicas, podendo ser uma indicação preocupante de que o tema nas sagas em geral seria mais ficcional do que histórico (Tulinus, 2009, p. 98). Porém, ausências também são reflexos de realidades sociais. Em uma profunda crítica às concepções textualistas, colonialistas e pós-modernistas das sagas islandesas e adotando uma perspectiva de uma etnografia do “discurso vivo”, o antropólogo Gísli Pálsson analisou as omissões sobre magia nas *Sturlunga sögur* como resultado de que as acusações de feitiçaria foram importantes durante os primeiros anos do período do Estado Livre islandês, mas não mais tarde, durante a Era dos Sturlungos, motivando a sua omissão textual (Pálsson, 1995, p. 111-115), contrariando assim a visão de Tulinus. Ainda sobre a tendência recente de utilizar fontes tardias para o estudo da mitologia e religiosidade nórdica antiga (tanto do medievo quanto do mundo contemporâneo, como do folclore), consultar: Hermann, 2018 e as edições do periódico RMN (*Retrospective Network Newsletters*) editado pelo Departamento de estudos folclóricos da Universidade de Helsínki, especialmente as edições n. 10, 2015

Voltando ao texto de Grzybowski; Birro, 2019, estes ainda mencionam sobre as pesquisas em religião nórdica antiga: “Outro problema concernente aos indícios, mas também desse tipo de produção, é a perspectiva cada vez menos utilizada de comparar textos tardios e material arqueológico” (p. 50, também citado em Birro, 2017, p. 269). Pelo contrário, percebemos que nos principais estudos arqueológicos recentes sobre a temática esse tipo de comparação ainda persiste, mas com outros tipos de perspectivas e metodologias envolvidas. Uma das mais importantes publicações neste sentido foi *Old Norse religion in long-term perspective*, de 2006, reunindo estudos de setenta e cinco pesquisadores.³⁷ Analisando as quatro seções temáticas³⁸ percebemos uma continuidade tradicional nos estudos de rito pelos arqueólogos, relacionando estes em dois contextos principais, o da prática religiosa e as suas conexões com imagens,³⁹ mas também o avanço de duas importantes concepções teórico-metodológicas e conceituais na atualidade: a cosmologia e a memória.

A cosmologia torna-se uma das mais interessantes perspectivas utilizadas pelos pesquisadores atuais para redimensionar o cristocentrismo tradicional verificado nas fontes textuais, percebendo as mudanças das práticas sociais e os discursos religiosos. O rito, neste

e n. 4, 2012, com vários estudos metodológicos para pesquisas em fontes tardias sobre magia, rito e mito na Escandinávia (disponíveis em: <https://bit.ly/2Kr7WZD>).

³⁷ De um ponto de vista quantitativo as fontes primárias utilizadas pelos autores foram: depósitos rituais/templos (21); arte religiosa/iconográficas (15); sagas islandesas (4); poesia éddica (7); Edda Maior (4); poesia escáldica (3) – demonstrando claramente que as fontes textuais tardias ainda são utilizadas pelos pesquisadores. Com relação aos métodos de análise: Arqueologia das religiões/funerária (21); análise iconográfica (15); teoria do ritual/religião (9); folclorística (1); comparativismo (1); performance (1); estudos de cognição (1); linguística (1); recepção dos mitos (7). (Andrén; Jennbert; Raudvere, 2006, p. 11-416). Um dos livros mais citados pelos autores desta coletânea (recebendo 8 referências) foi *The Viking Way: Religion and War in Late Iron Age Scandinavia*, 2002, do arqueólogo britânico Neil Price. Nesta obra, o autor utiliza vasta quantidade de textos tardios, como sagas lendárias, sagas de bispos, sagas reais, poesia éddica, *Edda Menor* e códigos legais, especialmente para analisar o tema do *seiðr*. Entre suas principais metodologias, destaca-se o uso da arqueologia cognitiva e a filologia comparada. Outro livro recente, extremamente influenciado pela perspectiva de estudos de gênero e arqueologia de Neil Price (mas também adotando uma perspectiva diacrônica mais longa, a teoria das mentalidades francesa e os estudos de cosmologia da arqueologia dinamarquesa), além do uso de vasta quantidade de textos nórdicos tardios, foi *Iron Age myth and materiality: an archaeology of Scandinavia AD 400-1000*, publicado em 2011 por Lotte Hedeager.

³⁸ Quantidade de estudos por seção temática: 1. Visão de Mundo e Cosmologia (11); 2. Rito e prática religiosa (19); Sítios rituais e imagens (16); Mito e memória (21); Recepção e usos atuais (7) (Andrén; Jennbert; Raudvere, 2006, p. 11-416).

³⁹ Para um vislumbre histórico-bibliográfico e teórico sobre o rito nos estudos arqueológicos, consultar Langer, 2015b, p. 4-12.

sentido, é pensado também muito além da esfera religiosa (na visão tradicional judaico-cristã, muitas vezes) mas como tendo conexões jurídicas, políticas e culturais, sendo mais estreitamente vinculado à uma visão de mundo do que os mitos em si.⁴⁰ É dentro desta visão de que a religiosidade nórdica pré-cristã integrava a vida das pessoas, não sendo uma esfera separada, de que os textos medievais são analisados (incluindo os tardios): eles tanto refletem o dinamismo e as transformações sociais de sua época, quanto *ecos*⁴¹ de tempos mais remotos. Diversos sítios arqueológicos são repensados a partir do referencial cosmológico, mas também as próprias narrativas, sendo o tema mais frequente das discussões o modelo cósmico.

Um dos mais instigantes estudos de *Old Norse religion in long-term perspective* foi realizado por Thomas DuBois, analisando sagas islandesas (Rituals, witnessess, and sagas). Ao contrário de Barreiro, 2016; Grzybowski; Birro, 2019 e Grzybowski, 2019, os temas tratados nas fontes textuais como magia e paganismo não foram considerados puramente ficcionais ou imaginários, mas produtos de uma percepção cristão sobre as práticas antigas.⁴² Eles não

⁴⁰ Para uma síntese bibliográfica das principais obras sobre cosmologia nórdica pré-cristã, verificar: Langer, 2015b, p. 16-21.

⁴¹ Fundamental foi a publicação em 1994 da obra *Prolonge echoes: Old Norse Myths in Medieval Northern Society*, de Margaret Clunies Ross. A autora questiona a busca por uma origem “pura” dos mitos nórdicos, estando atenta em como as narrativas de base oral sobreviveram e foram modificadas ou adaptadas em uma sociedade cristianizada (uma nova mitologia), mas que por meio de análises comparativas semióticas e hermenêuticas (cruzando os vários dados do *corpus* mitológico) seria possível entender o contexto da nova composição. Para a obra mitográfica de autores como Snorri Sturluson ela desenvolve a concepção de “ficções mitológicas”. Uma perspectiva semelhante (“rituais fictícios”), mas aplicado ao estudo da poesia éddica, concebe que o ritos mencionados nas *Eddas* não podem ser tomados literalmente como reflexos de práticas reais, mas antes, são atos cosmológicos que retomam dramas inseridos nos poemas – que podem servir como fonte para o estudo dos ritos históricos pré-cristãos, mas não em sentido objetivo. O ritual seria baseado originalmente tanto no discurso quanto na ação social, produto da religião enquanto conceito abstrato, mas o redator moderno dos poemas éddicos refletiu o rito dentro de uma religião singularizada. Deste modo, os ritos nas fontes textuais nórdicas estão entre uma zona situada entre o imaginado e o crível (“Ritos fictícios”) (Raudvere, 2012, p. 97-117).

⁴² Grzybowski, 2019, p. 135 alude ao fato dos medievalistas terem sido influenciados pela filosofia linguística pós-moderna, mas não comenta as críticas de vários historiadores a esta postura, a exemplo de Carlo Ginzburg e Roger Chartier (sobre as discrepâncias de equalização entre História e ficção no texto escrito, típica do pós-modernismo): “O ataque cético à cientificidade das narrações históricas insistiu em seu caráter subjetivo, que as assimilaria às narrações ficcionais. As narrações históricas não falaria de realidade, mas de quem as construiu. (...) Nos romances medievais podemos detectar testemunhos históricos involuntários sobre usos e costumes, isolando na ficção fragmentos de verdade (...) a ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante. Essa trama imprevisível pode comprimir-se num nó ou num nome. (...) Os historiadores (...) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro,

podem ser tomados como fontes etnográficas diretas ou literais, mas ecos de uma tradição que foi substituída pelo cristianismo, indicando os modos com que a antiga religião se comunicou com o sobrenatural (DuBois, 2006, 74-78).⁴³

Nas últimas décadas, entre os pesquisadores de Escandinávia Medieval, vem sendo cada vez mais comum as tendências em perspectivas interdisciplinares e de multiperspectivismo, uma constatação enunciada por Grzybowski, 2019, p. 136, mas este mesmo prefere optar por uma análise que privilegia somente o caráter retórico e polêmico da narrativa, apontando os idealismos cristãos presentes nas fontes textuais analisadas (no caso, Adam de Bremen e Rimbert⁴⁴). Se de um lado, este tipo de análise é fundamental para perceber o contexto histórico e social da época em que a fonte foi produzida, ela limita as conclusões do pesquisador, ao ser utilizada de forma isolada⁴⁵ – no caso, Grzybowski, 2019, p. 152 afirma que os conteúdos

falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo” (Ginzburg, 2007, p. 9, 11, 14). “A distinção analítica entre a escolha de modelos explicativos e a construção do relato histórico permite ressaltar os parentescos narrativos ou retóricos entre a ficção e a história sem correr o risco de dissolver a capacidade de conhecimento da história na narratividade que rege sua escrita. (...) São essas operações e regras que permitem assegurar a representação histórica do passado e rejeitar a suspeita de relativismo ou ceticismo que nasce do uso das formas literárias pela escrita historiográfica: estruturas narrativas, tropos retóricos, figuras metafóricas” (Chartier, 2011, p. 115, 116).

⁴³ Com relação ao mesmo tema e problemática, outros pesquisadores mantiveram uma perspectiva semelhante ao de Thomas DuBois: a magia nas sagas islandesas foi distorcida pelo cristianismo e não pode ser interpretada literalmente como material etnográfico, mas exprime crenças, ações e/ou práticas reais do passado (Mitchell, 2000, p. 335-345); apesar da estrutura literária e do referencial cristão das sagas islandesas é necessário também *descontextualizar o texto*, recuperando a visão de mundo das tradições anteriores ao cristianismo – neste sentido, o pesquisador Clive Tooley utiliza a noção de que a magia nos tempos pagãos era uma atividade ao mesmo tempo periférica e central e alguns aspectos de sua subversividade original foram preservadas posteriormente (Tooley, 2014, p. 15-37). Ou seja, estamos distantes de um tratamento puramente ficcional da magia na literatura nórdica medieval.

⁴⁴ Um bom exemplo de aplicação do multiperspectivismo para o estudo da religião nórdica antiga, especialmente utilizando fontes latinas (incluindo Adam de Bremen, Rimbert, Dudo de Saint-Quentin), fontes textuais irlandesas, escandinavas e anglo-saxônicas, iconografia, fontes rúnicas e arqueológicas é Sonne, 2013, p. 24-195.

⁴⁵ Isso pode ser constatado na frase: “Os dados de uma escavação podem ser significados tanto como prática ritual, quanto como prática cotidiana, posto que a cultura religiosa escandinava não dispunha de espaços ou dinâmicas especificamente religiosas, como no caso cristão continental” (Grzybowski, 2019, p. 138), denotando uma falta de conhecimento atualizado em arqueologia. Vários sítios conhecidos da Escandinávia, do período das migrações até a Era viking, possuíam um caráter dinâmico, funcionando tanto para atividades religiosas como locais de autoridade política, centros comerciais e artesanais (como Tissø, Gudme, Helgö e Borg), mas desde 1997 escavações criteriosamente conduzidas no sítio de Uppåkra (Suécia) demonstram a antiga existência de uma edificação especializada para

examinados não possuem qualquer tipo de informação etnográfica em relação ao paganismo.⁴⁶ Limitando-se apenas aos textos, a análise deste autor ficou restrita somente a uma visão cristocêntrica⁴⁷ do documento, não percebendo que estereótipos também informam conteúdos históricos, apesar de distorcidos.⁴⁸ Barreiro, 2016; Birro, 2017 e Grzybowski, 2019 são “historiadores escravos dos textos”, dentro do referencial apontado por Raudvere, 2012, p. 100.

atividades ritualísticas e religiosas – de forma semelhante ao cristianismo continental (Larsson, 2007, p. 11-25).

⁴⁶ Alguns exemplos de abordagens interdisciplinares e comparativistas sobre o templo de Uppsala, que vão muito além do *topos* literário, dos estereótipos e do cristocentrismo de Adão de Bremen (do qual Grzybowski, 2019 não utiliza conceitualmente ou bibliograficamente) são os estudos de Olof Sundqvist (o relato de Adam possui um fundamento histórico real - foi baseado em um modelo cultural advindo de uma tradição mítico-cosmológica generalizada: um sítio ritual entendido como conectado a simbolismos cósmicos da árvore, salão e poço, possivelmente aplicados a ideologias de poder e autoridade entre os governantes de Uppsala, Sundqvist, 2018) e Stefan Brink (por meio da linguística, toponímia e arqueologia é possível deduzir que Gamla Uppsala foi um importante centro ritual, político e mítico dos primeiros reis suecos, não sendo uma invenção de Adam de Bremen: “Again it looks as if neither Snorri nor Adam talked through their hats, or as we say in Swedish, went ‘out cycling’, too much. Hence my paper is some kind of a rehabilitation of Snorri and Adam and their texts, so important for us to be able to reconstruct not *the* but *a* pre-Christian mythology. There must be a core of historical truth in their stories, so the place-names tell us” (Brink, 2017, p. 191, grifos do autor).

⁴⁷ O *cristocentrismo* é um referencial onde os conceitos e valores do cristianismo determinam todas as interpretações sobre a religião e as religiosidades pré-cristãs, “contaminando” também os acadêmicos contemporâneos, como Alexandra Sanmark ao negar a existência de um panteão no paganismo (e ao inserir a dicotomia alta e baixa religião) ou Torsten Blomkvist ao negar o conceito de religião, rito e religiosidades aos tempos pré-cristãos. Sobre esse referencial, consultar Nordberg, 2012, p. 120, 144, 145.

⁴⁸ Um excelente exemplo do estudo de crenças pré-cristãs em documentos altamente estereotipados é em relação aos textos inquisitoriais examinados por Carlo Ginzburg. Em uma síntese reflexiva e conceitual, ele declara sobre o conteúdo ideológico básico das fontes: “Não existem textos neutros: mesmo um inventário notarial implica um código que temos de decifrar.” Sobre a questão do conteúdo de crenças pré-cristãos e a filtragem cristã: “estamos diante da costumeira projeção de estereótipos inquisitoriais num estrato de crenças folclóricas (...) Que outra coisa era a *interpretatio romana* ou *bíblica* (Diana ou Herodiades) proposta pelos inquisidores senão uma tentativa de apreender essa unidade subterrânea? (...) Mas a existência de uma continuidade entre a mitologia dos inquisidores é inegável. Eles traduzem, melhor dizendo, transpunham num código diferente e menos ambíguo crenças essencialmente estranhas à sua cultura.” A respeito da análise que o historiador pode realizar sobre esse material, a nosso ver, essencial se aplicada ao contexto da Escandinávia Medieval (e pensando no multiperspectivismo, que Grzybowski, 2019, p. 136 menciona, mas não faz): “Nossa interpretação pode ser controlada recorrendo a uma comparação mais ampla do que a que estava à disposição dos inquisidores” (Ginzburg, 2007, p. 288, 290, 292). Um excelente exemplo de estudo entre crenças nórdicas e estereótipos pode ser conferido em Mundal, 1996, p. 97-116.

As atuais perspectivas interdisciplinares se concentram em dois pontos básicos. Primeiro, a de que elas devem ser tanto teóricas quanto empíricas; segundo, a de que deve ser utilizado de forma ampla o comparativismo⁴⁹ (níveis gerais de estrutura e similaridade e não de contato ou herança), para também evidenciar as diversidades de gênero, sociedade e espacialidade, mas sempre tratando as religiosidade pré-cristãs como *unidades coerentes* (Raudvere; Schjødt, 2012, p. 7-12).⁵⁰ Dentro do primeiro ponto, também são ressaltados aportes metodológicos e conceituais como o sincretismo e a diversidade, o modelo de reconstituição e o discurso das fontes (Schjødt, 2012, p. 263-287). Também vem ganhando destaque o uso do conceito de “tradição vivida” aplicada ao estudo da religião nórdica antiga, especialmente entre arqueólogos e historiadores das religiões, onde o papel social e material do mito na vida cotidiana é aferido, indo muito além da questão verbal e tendo especial significado nas imagens e registros artísticos (Nordberg; Wikström; Sundqvist, 2019, p. 1-8).⁵¹ Os debates sobre oralidade e letramento continuam, mas agora essencialmente convergindo para uma superação da dicotomia entre a controvérsia *Freiproza/Buchprosa*, discutindo os tipos de oralidade e suas manifestações (improvisação, composição, performance e memorização), a

⁴⁹ O comparativismo vem sendo reincorporado nos estudos de Escandinávia Medieval, não constituindo mais um método que busca estruturas generalizantes, universalistas, arquetípicas ou a-históricas (a exemplo das pesquisas de Georges Dumézil e Mircea Eliade). O panorama metodológico das novas investigações pode ser conferido em Schjødt, 2017, p. 51-65. A recente coletânea *Old Norse Mythology: comparative perspectives* vem demonstrar as mais recentes tendências no comparativismo dos mitos nórdicos. Além dos estudos teóricos, o livro se concentra em três grupos de análises temáticas (entre genéticas e tipológicas): os que envolvem investigações concentradas em fontes nativas de um ponto de vista internalista (comparando deuses nórdicos, como, por exemplo, o capítulo de Terry Gunnell sobre os Vanes); os que analisam os mitos nórdicos em relação com os mitos da região circumpolar e báltica (portanto, tradições vizinhas, a exemplo de Thomas DuBois, John Lindow e Olof Sundqvist); comparação dos mitos nórdicos com tradições euroasiáticas, mas algumas distantes da Escandinávia (Richard Cole analisando Snorri e os judeus; Joseph Nag comparando o mundo nórdico com os irlandeses e persas; Michael Witzel refletindo o mito de Ymir com a China e Índia) (Hermann, 2018, p. 113-380).

⁵⁰ Exemplar neste sentido é o brilhante estudo de Andreas Nordberg, adotando o referencial de uma tradição cultural contínua entre os povos germânicos da Era Viking, variando socialmente e espacialmente no que ele denomina de “fluxo circular de tradições” (Nordberg, 2018, p. 76-88).

⁵¹ De forma muito convergente também são os estudos de cognição aplicados aos mitos e ritos da Escandinávia pré-cristã e as fontes textuais de maneira geral, como podemos perceber em Ross, 2017, 47-59. Também o artigo de Declan Taggart analisando as visões antropomórficas dos deuses nórdicos, utiliza e discute modelos cognitivos (Taggart, 2019, p. 1-21).

tradição vivida, o folclore e a continuidade da tradição antiga em material tardio e contemporâneo.

Uma das grandes mudanças metodológicas não seria tanto no sentido de reconstituição, mas de *recontextualização* dos mitos durante o medievo, onde texto e oralidade coexistiram durante a performance para uma audiência (contexto vivo). Desta forma, os mitos não se reduziram às narrativas para uso religioso, mas existindo também como ferramentas cognitivas durante o período cristão, sendo transmitidas tanto pela literatura quanto pela palavra, runas, artefatos, pinturas (Hermann, 2018).

Internacionalização

Em diversos momentos de seu texto Grzybowski; Birro, 2019 aludem que as pesquisas do *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos*⁵² não tiveram nenhuma repercussão internacional⁵³. De maneira oposta, outra avaliação da área considerou que o grupo NEVE possui “ampla produção historiográfica, com repercussão internacional” (Santos, 2015-2016, p. 81). Com base no buscador *Google acadêmico*,⁵⁴ averiguaremos o alcance de algumas publicações de membros do NEVE na comunidade acadêmica internacional, seguida de algumas indicações de intercâmbios e parcerias com pesquisadores e instituições estrangeiras.

O artigo escrito por um escandinavista brasileiro com maior repercussão internacional até o momento é *The origins of the imaginary Viking*, publicado no periódico *Viking Heritage*, da

⁵² O *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* (NEVE) é um grupo de pesquisas interinstitucional que foi criado em 2010. Atualmente está registrado no DGP-CNPQ, sendo parceiro do *Lofotr Viking Museum* (Noruega), LAEX (*Laboratório de Arqueologia Experimental*, Universidad Autónoma de Madrid), *The Northern Women's Art Collaborative* (Universidade de Brown, EUA). Grzybowski; Birro, 2019, p. 38-39 aludem que o NEVE “tende, por influência social, a desenvolver trabalhos mais voltados para fora da academia (...) e elaborar manuais paradidáticos”. A grande maioria das atividades do NEVE se voltam para publicações acadêmicas (artigos, resenhas e livros) e eventos da área, atingindo objetivamente um público universitário. O NEVE *nunca* produziu ou publicou nenhum tipo de material paradidático, tendo todos os seus livros um perfil científico de excelência. Para uma relação crítica da produção bibliográfica do NEVE, consultar Langer, 2016, p. 909-936.

⁵³ “(...) há pesquisas do NEVE que encontram um alcance reduzido entre o grande público e entre pesquisadores estrangeiros (...) cujos resultados, todavia, tiveram alcance limitado no âmbito internacional” Grzybowski; Birro, 2019, p. 37, 31.

⁵⁴ <https://bit.ly/1IzVuAw> com pesquisas efetuadas entre janeiro e março de 2019.

Universidade da Gotlândia, na Suécia, em 2002⁵⁵. Foi citado em cinco livros (quatro na Inglaterra e um no Canadá: Sewel, 2014, p. 65; Kline, 2014, 275; Mckenzie, 2013, p. 11, 12, 15; Bureychak, 2013, p. 231; Fimi, 2007, p. 92, 99.), sete artigos (periódicos acadêmicos da Inglaterra, França, Escócia, Estados Unidos, Polônia e Alemanha: Bohm, 2018, p. 123, 133; Svendsen & Svendsen, 2016, p. 17; Fjalldal, 2015, p. 317-331; Bureychak, 2012, p. 142; Vadillo, 2010, p. 156, 158; Svendsen & Svendsen, 2010, p. 4, 19; Downham, 2009, p. 140.) e duas teses de doutorado (França e Romênia: Manea, 2016, p. 283; Filippo, 2016, p. 335, 510, 535.). Um dos motivos deste impacto foi devido ao fato de existirem poucas investigações sobre o surgimento dos estereótipos e clichês históricos relacionados aos nórdicos da Era Viking, mesmo em línguas escandinavas. Um reduzido número de medievalistas estuda a recepção nórdica no mundo contemporâneo. É de se destacar principalmente a citação do referido trabalho em dois periódicos consagrados mundialmente na área dos estudos nórdicos medievais: *Scandinavian Studies* (Fjalldal, 2015, p. 317-331) e *Mediaeval Scandinavia* (Downham, 2009, p. 140).

Em 2003 o historiador Johnni Langer publicou uma resenha em inglês da obra *Viking Age Iceland*, do arqueólogo Jesse Byock, no periódico *European Journal of Archaeology* (Langer, 2003b, p. 328-330). Um ano depois, o mesmo autor foi convidado a participar de uma coletânea francesa, *L'Europe des Vikings*, com o capítulo *Rêver son passé*, a respeito das representações artísticas europeias sobre os vikings no século XIX. O livro, composto de 192 páginas em impressão de alta qualidade gráfica e coloração, foi lançado durante a exposição homônima no *Centre Culturel Abbaye de Daoulas* em 2004. Este estudo de Langer recebeu duas citações posteriores, em inglês e francês (Supéry, 2014, p. 3, 8; Supéry, 2015, p. 3, 9).

Outro artigo escrito em inglês que, apesar de recente, vem tendo certo impacto entre os pesquisadores estrangeiros é *The Wolf's Jaw: an Astronomical Interpretation of Ragnarök*, publicado no periódico russo *Archaeoastronomy and Ancient Technologies* em 2018 (Langer, 2018, p. 1-20). Ele recebeu uma matéria de divulgação no portal *Medievalist.net*, causando um alcance maior da publicação. Logo a seguir, o site de divulgação científica *Ars technica* realizou uma matéria sobre o tema da pesquisa, confrontando os dados com a opinião de outros especialistas

⁵⁵ Langer, 2002b, p. 6-9. O referido artigo contém 30 citações no *Google acadêmico* (<https://bit.ly/1IzVuAw>), pesquisa efetuada em 5 de maio de 2019.

na América do Norte (Ouellette, 2018). Mais recentemente, o arqueólogo norte-americano Kris Hirst realizou um estudo sistematizador sobre a questão da influência da natureza sobre a criação dos mitos nórdicos, em especial, com o Ragnarok, citando o mesmo artigo (Hirst, 2019).

Também outros trabalhos de Langer receberam citações internacionais, apesar de estarem redigidos em língua portuguesa. O estudo *Morte, sacrifício humano e renascimento*, publicado na revista *Mirabilia* em 2003 (Langer, 2013, p. 93-123) foi citado no periódico alemão *Zeitschrift für Spiritualität und Transzendente Psychologie* (Wegener, 2011). Em 2009 a revista polonesa *Studia Źródłoznawcze* (Morawiec, 2009, p. 23) citou o artigo *Guerreiras de Óðinn: as Valkyrjor na Mitologia Viking*, publicado originalmente na revista *Brathair* (Langer, 2004, p. 52-69).

Por sua vez, a investigação *Galdr e feitiçaria nas sagas islandesas* (2009) recebeu duas menções. A primeira foi no periódico finlandês *RMN Newsletter*, onde em um estudo sobre o tema dos manuscritos islandeses, a pesquisa brasileira é referenciada em nota sobre a questão da sobrevivência das tradições mágicas antigas (Leslie, 2009, p. 160, 161) e outra em uma tese de doutorado sobre estudos nórdicos (*Prose Contexts of Eddic Poetry, Primarily in the Fornaldarsögur*), defendida na Universidade de Bergen, Noruega em 2013, onde a mesma autora detalha suas pesquisas com a mesma temática, mas desta vez citando três vezes o artigo brasileiro (Leslie, 2013, p. 452, 455, 456 e 500). E ainda, o estudo *Constelações e mitos celestes na Era Viking* (Langer, 2015a, p. 107-130) foi citado pelo astrônomo australiano Gary Thompson em uma sistematização bibliográfica sobre o tema das mitologias celestes na Antiguidade e Medievo (*Ancient Zodiacs, Star Names, and Constellations: Essays and Annotated Bibliographies*, Thompson, 2001-2018).

Em língua hispânica mais outros dois estudos em português foram referenciados. O primeiro é um artigo na revista *Estudios*, da Universidade da Costa Rica: *La Saga de Thorstein*, onde a publicação *Símbolos religiosos dos Vikings: guia iconográfico* (Langer, 2010) foi mencionada (Santiago, 2016, p. 24). O segundo foi o artigo *Valquírias versus gigantes: Modelos marciais femininos na mitologia escandinava*, escrito por Neiva; Langer, 2012, p. 1-29 e referenciado na tese de doutorado em literatura *Estudio comparativo y elaboración de un índice entre los motivos de los*

libros de caballerías hispánicos y El Señor de los Anillos de J.R.R. Tolkien pela Universidade de León, na Espanha (Arias, 2017, p. 510).

Demonstrando a penetração dos estudos escandinavísticos brasileiros no mundo hispânico, um estudo de outro membro do NEVE foi analisado em uma perspectiva comparativa, mas desta vez uma tradução de fonte medieval: *Hálfðanar saga svarta* realizada por Pablo Gomes de Miranda (Miranda, 2011, p. 116-121), analisada comparativamente no artigo: *La conjunción coordinativa en del antiguo nórdico y su traducción a las lenguas Românicas: el ejemplo de la Hálfðanar saga svarta en Español, Francés y Portugués*, de Rafael García Pérez. O estudo foi publicado nas atas de um evento bielorusso especializado em literatura (ДИСКУССИОННЫЕ ВОПРОСЫ РОМАНИСТИКИ), na cidade de Minski (Pérez, 2018, p. 97-117).

Mais recentemente este mesmo pesquisador foi citado em outra publicação hispânica, *El furor y el rugido: la figura del Berserkr en los medios audiovisuales (cine, televisión y documental)*, desta vez pela *La Revista de Cine* da Universidad de las Artes (UArtes) do Equador (Robles 2018, p. 55, 69). O trabalho mencionado foi: *Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões Sobre os Elementos Religiosos dos Berserkir e dos ulfheðnar* (Miranda, 2010, p. 1-14).

O Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos também vem realizando diversas atividades, pesquisas e intercâmbios de âmbito internacional.⁵⁶ Em março de 2017, a profa. Dra. Michèle Hayer Smith, professora da Brown University/EUA e coordenadora do *Northern Women Arts Collaborative*,⁵⁷ que desenvolve tanto pesquisas como divulgação da arqueologia, tecelagem, arte e estudos de gênero da Era Viking, convidou a professora Dra. Luciana de Campos a integrar o grupo principalmente para divulgar o trabalho de análise da literatura nórdica antiga, tendo as personagens femininas como foco que é desenvolvido pelas pesquisadoras. Além de integrar o grupo e, assim participar das discussões que são propostas virtualmente,

⁵⁶ Os colaboradores internacionais cadastrados no diretório do grupo de pesquisa do CNPQ são: Prof. Dr. Neil Price (Universidade de Uppsala); Prof. Dr. Terry Gunnell (Universidade da Islândia); Prof. Dr. Mariano Gonzalez Campo (St. Paul Gymnas, Noruega).

⁵⁷ Site oficial: <https://northernwomen.org> (acesso em 14 de março de 2019). A professora Dra. Luciana de Campos, membro do NEVE, é a única representante latino-americana presente entre os pesquisadores cadastrados do NWAC.

o NWAC tornou-se uma instituição de pesquisa parceira do NEVE, já que o primeiro além de divulgar as pesquisas desenvolvidas aqui no Brasil também promove um intercâmbio de ideias apresentando bibliografias e pesquisas que ainda permanecem inéditas pela América Latina.

Outro exemplo do intercâmbio internacional de membros do NEVE foi Victor Hugo Sampaio (doutorando do PPGCR-UFPB) ser aceito como membro da *Suomalaisen Kirjallisuuden Seura* (Sociedade Finlandesa de Literatura, <https://www.finlit.fi>), uma instituição fundada em 1831 em Hensinki.

Em outubro de 2018 uma outra parceria foi firmada pelo NEVE, desta vez com uma instituição voltada principalmente para a pesquisa arqueológica e divulgação por meio de atividades envolvendo tanto a arqueologia experimental como a metodologia do *living history*, trata-se do Museu Lofotr,⁵⁸ na Noruega. Essa parceria aconteceu logo depois da divulgação de um evento, *Meet the Myths* promovido pelo museu e coordenada pelo arqueólogo da instituição, Niek van Eck. Tanto o Museu Lofotr como o arqueólogo van Eck estão, desde 2018, oferecendo todo o suporte para a realização do *I Encontro com os Mitos*, a ser realizado a partir de 2019, como também proporcionando a troca de conhecimentos facilitando assim o intercâmbio e estreitando a parceria entre os pesquisadores brasileiros e noruegueses.⁵⁹

Em 2017 um dos mais importantes escandinavistas da atualidade, o arqueólogo Neil Price (Universidade de Uppsala, Suécia), prefaciou o livro *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*, um passo fundamental para a internacionalização e visibilidade dos estudos realizados no Brasil: “Este dicionário é uma homenagem (...) a todos os seus colegas que moldaram um ambiente de pesquisa tão gratificante e estimulante para os estudos escandinavos no Brasil e cercanias” (Price, 2017, p. 19).

⁵⁸ Site oficial do *Lofotr Vikingmuseum*: <https://bit.ly/2FisjEz> (acesso em 10 de março de 2019).

⁵⁹ Mais informações sobre o intercâmbio entre o Museu Lofotr e o Brasil: *NEVE estabelece parceria com museu norueguês* (novembro de 2018): <https://bit.ly/2ToGEnL> (acesso em janeiro de 2019)

Também como parte de seu projeto de internacionalização, o grupo NEVE criou em 2017 o periódico *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*,⁶⁰ contando atualmente com 38 professores de universidades estrangeiras em seu conselho científico, sendo a maioria especialistas em temas nórdicos medievais,⁶¹ recebendo especialmente contribuições em língua inglesa e espanhola.⁶²

Vários pesquisadores do NEVE vêm realizando pesquisas e atividades de campo na Escandinávia e Europa desde 2017, além de um intercâmbio direto com os laboratórios e pesquisadores estrangeiros.

O DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*), concedeu uma bolsa de estudos em língua e cultura alemã para Andressa Furlan Ferreira, na Universidade de Köln em janeiro e fevereiro de 2017. Além de visitar a exposição *Odin, Thor und Freyja*, no Museu Arqueológico de Frankfurt, Ferreira também realizou entrevistas com escandinavistas alemães e pesquisas de campo na Suécia, para a sua dissertação de mestrado *Nykr, o espírito da água nórdico: Mitologia, folclore e arte* defendida na UFPB (2017).

Munir Lutfé Ayoub (Doutorando em Arqueologia pelo MAE-USP) participou de escavações arqueológicas no sítio sueco de Eke Parish em julho de 2018, como parte de

⁶⁰ *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies* (ISSN: 2595-9107) é um periódico anual publicado pelo NEVE – Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e volta-se para as investigações sobre Estudos Nórdicos Antigos e Medievais, principalmente acerca da Era Viking. O *Scandia* publica artigos originais, resenhas e traduções em inglês, português, espanhol, francês e italiano. <https://bit.ly/2Fqn7Qo> Acesso em 15 de março de 2019.

⁶¹ Vários escandinavistas estrangeiros se manifestaram de maneira positiva no momento da criação do *Scandia*: "It's nice to see Brazil popping up on the academic world map of Scandinavian Studies" (Prof. Dr. Lukas Röslé, Universität Basel, Suíça); "I'm very glad to see that Old Norse studies are now prospering in Brazil" (Prof. Dr. John McKinnell, Durham University, Inglaterra); "It's great to hear that Old Norse studies are taking off in Brazil" (Profa. Dra. Carlyne Larrington, St John's College, Oxford, Inglaterra). Fonte: Programa de Estudos Medievais, UFRJ, (6 de novembro de 2017, *Novo periódico do NEVE*: <https://bit.ly/2TNnY6g>) Acesso em 17 de março de 2019.

⁶² O *Scandia Journal* foi indexada pelo *Norwegian Register for Scientific Journals, Series and Publishers* (<https://bit.ly/2P2XIDb>, acesso em 18 de agosto de 2019); Biblioteca da Universidade de Leipzig (<https://bit.ly/2U01huV>, acesso em 17 de março de 2019), Biblioteca da Universidade de Hamburgo (<https://bit.ly/2UOwZst>, acesso em 17 de março de 2019), LATINDEX (*Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*): <https://bit.ly/2HPgkKv>, acesso em 19 de março de 2019), *Worldcat* e Biblioteca da Universidade do México.

pesquisas na *Gotland Archaeological Field School*,⁶³ supervisionada pelo prof. Dr. Dan Carlsson. Munir Ayoub visitou também os sítios arqueológicos de Paviken, Fjäle, Fröjel, além do Gotlands Museum, Vikingaliv: A true Adventure e a Royal Bibliotek Stockholm. O projeto de doutorado de Munir Youb - *Depósitos funerários de Vestfold: por uma história de longa duração* - é orientado pela professora Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming (USP).⁶⁴

Pablo Gomes de Miranda (Doutorando em Ciências das Religiões pela UFPB) foi contemplado com uma bolsa de doutorado sanduiche pela CAPES e permanecerá um ano na Islândia, de outubro de 2018 a outubro de 2019, sob supervisão do professor Terry Gunnell (Universidade da Islândia, colaborador estrangeiro do NEVE). Além de pesquisas no *Instituto Árni Magnússon*,⁶⁵ Pablo Miranda frequentará cursos de leitura, tradução e interpretação de manuscritos islandeses medievais, além de outros cursos temáticos, envolvendo sagas islandesas e temas nórdicos medievais. Em março de 2019 Miranda apresentou o trabalho "The Wild Hunt in Old Norse Literature and Poetry" durante o "12th Annual Aarhus Student Symposium on Viking and Medieval Scandinavian Subjects", na Universidade de Aarhus, Dinamarca. Pablo Miranda desenvolve o projeto de tese: *Mito e rito na Europa Setentrional pré-cristã: investigando a caçada selvagem na poesia e prosa escandinava do século XII-XIV*, sob orientação do professor Dr. Johnni Langer (UFPB).

Vitor Menini (Mestrando em História pela UNICAMP) visitou a Suécia entre julho e agosto de 2018 para pesquisas nos arquivos da Universidade de Uppsala, visita e pesquisa no museu Ájtte (Jokkmokk), visita e pesquisa em museus de Estocolmo como o Antikvitetskollegium, Vasamuseet, Nordiskamuseet, Armemuseet e Livrustkammaren. Menini desenvolve o projeto de pesquisa *Lapponia: a legitimação do estado sueco a partir da*

⁶³ "Gotland Archaeological Field School started with the excavations at the Viking Age harbour and trading site Fröjel in 1998. The course has since excavated a range of different sites on Gotland, including Paviken - another harbour and trading site, as well as farmsteads" Texto de apresentação retirado de: *Gotland Archaeological Field School* (<https://bit.ly/2TmrRtX>), acesso em 10 de março de 2019.

⁶⁴ A participação de Munir Lutfe Ayoub nas escavações arqueológicas de Gotland foi mencionada em um jornal sueco: "Den brasilianska studenten Munir letar fornynd, men mest är det bara jord." *Unikt fynd i Eke - och ett mysterium, Helagotland.se* (11 de agosto de 2018: <https://bit.ly/2TM0eiW>):

⁶⁵ *The Árni Magnússon Institute for Icelandic Studies* (<https://bit.ly/2To8ctw>), acesso em 12 de março de 2019.

invenção do outro na obra de Johannes Schefferus, sob orientação do professor Dr. Rui Luis Rodrigues (UNICAMP).

Johnni Langer (Doutor em História pela UFPR e professor da UFPB) visitou a Dinamarca em julho de 2018, dando continuidade a suas pesquisas sobre símbolos religiosos na Era Viking, cultura material e mitologias celestes nórdicas, desenvolvendo o projeto de pesquisa: “Simbolismo religioso nórdico em monumentos da Era Viking e na Europa Medieval”. Foram pesquisados os acervos do Museu Nacional, Museu Histórico Nacional, biblioteca e arquivo da Universidade de Copenhague, Museu do Navio Viking de Roskilde, além dos sítios arqueológicos de Trelleborg, Gammel Lejre, Jelling e Lindholm Høje. Langer também desenvolveu várias atividades na Espanha no mês de outubro de 2019: ministrou a conferência de abertura *Las representaciones del dragón nórdico en la ópera y el cine (V International Conference on Mythcriticism: Germanic Myths, Universidad de Alcalá)*; uma palestra sobre áreas sagradas nórdicas da Era Viking no *V Congreso Internacional Santuarios* (promovido pelo Laboratorio Paisajes culturales Sagrados do Museo Etnográfico de Castilla y León, Zamora)⁶⁶ e um curso para o Doutorado em Ciências das Religiões da Universidad Complutense de Madrid (*Introducción al estudio de la Mitología Nórdica*).

Conclusão: para uma nova historiografia da Escandinavística brasileira

Uma das proposições centrais da publicação de Grzybowski; Birro, 2019 é a de que o estado de São Paulo e particularmente, a Universidade Estadual de São Paulo, foi o berço histórico da Escandinavística nacional (p. 43) e ainda, predominou no desdobramento dos estudos de Era Viking e Escandinávia no país (p. 29), referenciais do qual discordamos.

Já aludimos que os estudos nórdicos no Brasil surgiram no contexto da nascente historiografia brasileira, ainda no período imperial, totalmente inserida pelo *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e Museu Nacional, ambos no Rio de Janeiro. O mesmo estado terá um papel essencial na formação da Nova Escandinavística brasileira, durante os anos 1990, com

⁶⁶ O jornal espanhol *La Vanguardia*, em uma matéria sobre este evento, considerou a participação do referido pesquisador nestes termos: “El profesor de la Universidad Federal de Paraíba (Brasil) Johnni Langer, considerado uno de los mayores expertos mundiales en cultura vikinga, disertará sobre los santuarios nórdicos de ese Pueblo” (*La Vanguardia*, 2018).

os mencionados trabalhos dos historiadores Maria Lucia Paschoal Guimarães (UERJ) e Ciro Flamarion Cardoso (UFF).

Também foi o estado do Rio de Janeiro o responsável direto pelo grupo acadêmico que propiciou o desenvolvimento da Nova Escandinavística Brasileira: o *Brathair* surgiu em uma reunião informal ocorrida na UERJ em 1999 (durante o *Encontro Brasileiro de Estudos Medievais*) e de maneira formal, em sua primeira reunião oficial ocorrida na UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) em 2000.⁶⁷

Na década de 2000 vários eventos relacionados com os estudos nórdicos ocorreram no Rio de Janeiro, promovendo o impulso da área: *I Simpósio de Estudos Celtas e Germânicos* (UFRJ, 2004, coordenado pelo medievalista Álvaro Bragança Júnior); *I e II Colóquio de Estudos Celtas e Germânicos* (UFF, em 2007 e 2009, co-coordenados por Ciro Flamarion Cardoso). A primeira pesquisa de pós-graduação na área (ver tabela1) durante a Nova Escandinavística, foi a dissertação de mestrado *Mito e música em Wagner e Nietzsche* (UERJ, 2005), de Luiz Claudio Moniz, professor e pesquisador de Mitologia Nórdica, associado nesta época ao *Núcleo de Estudos da Antiguidade* da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Moniz ministrou diversos cursos e oficinas sobre Mitologia Nórdica na UERJ, durante o período de 2002 a 2008 (até o seu falecimento em 2009). A equipe do NEA ainda iria publicar em 2008 o primeiro livro da área no Brasil: *Mitologia Germano-Escandinava: do Chaos ao Apocalípse* (Candido, 2008).

A partir de 2012 as defesas de pós-graduação na área tornam-se ininterruptas ano após ano (ver tabela 1). Isso pode ser explicado pela crescente divulgação das pesquisas efetuadas durante os anos 2000, como também pela criação do *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* em 2010. E o papel do estado do Rio de Janeiro foi também fundamental para este contexto: em 2012 ocorreu o primeiro evento acadêmico da área, nas dependências da Universidade Federal Fluminense: *I Colóquio de Estudos Vikings e Escandinavos*, uma promoção conjunta do NEVE com o CEIA-UFF, *Centro Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade*.

⁶⁷ Informações repassadas via *e-mail* pelo prof. Dr. Álvaro Bragança Jr. em correspondência datada de 27 de março de 2019.

Certamente a Escandinavística brasileira ainda tem muito a crescer, atingindo novos objetivos conceituais e teóricos, bem como a inclusão de crescentes pesquisas pelas mais variadas universidades brasileiras. Esperamos também que novos estudos historiográficos, analisando a produção bibliográfica nacional com mais detalhes, possam surgir no futuro, ampliando ainda mais o crescimento da área em nosso país.

Referências bibliográficas:

ABRAM, Christopher. *Myths of the pagan north: the gods of the norsemen*. London/New York, 2011.

ADÊT, Emile C. Découverte d'une ville ancienne dans les forêts du Brésil. *La Revue Indépendante*. Paris, n. 8, p. 494-509, 1845, t. XXI.

ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (Eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interations*. Lund: Nordic Academic Press, 2006.

ARIAS, Ana María Mariño. *Estudio comparativo y elaboración de un índice entre los motivos de los libros de caballerías hispánicos y El Señor de los Anillos de J.R.R. Tolkien*. Tese de doutorado em Literatura comparada, Universidade de León, Espanha, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Ybta2E> Acesso em 05 de março de 2019.

BARBOSA, Januário da Cunha. Breve notícia sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do IHGB*, n. 1, p. 5-9, 1839, tomo I.

BARREIRO, Santiago. Pagãos fictícios, feiticeiros imaginários, alteridades literárias: as sagas islandesas como fonte historiográfica e sua representação do mundo pré-cristão. *Diálogos* n. 3, 2016, p. 97-115.

BARREIRO, Santiago. La magia en la Saga de Hrólfr Kraki. *Temas Medievales* n. 15-16, p. 159-176, 2008.

BATANY, Jean. Escrito/oral. In: LE GOF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval* (Org.). Bauru: EDUSC, 2002, p. 383-396.

- BIRRO, Renan Marques. Las religiones em la Escandinavia Medieval. In: BARREIRO, Santiago & BIRRO, Renan (eds). *El mundo nórdico medieval: una introducción*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2017, p. 267 – 294.
- BOHM, Marcin. Normanowie, wikingowie a ich przedstawienia w świecie gier komputerowych (na wybranych przykładach), *Irydion*, v. 4, n. 1, p. 123-134, 2018.
- BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum* n. 7, p. 13-40, 2005.
- BRINK, Stefan. Uppsala – in Myth and reality. In: BRINK, Stefan & COLLINSON, Lisa (Eds.). *Theorizing Old Norse Myth*. Turnhout: Brepols Publishers, 2017, p. 175-194.
- BUREYCHAK, Tetyana. Zooming and out: historical icons of masculinity within and across nations. In: HEARN, Jeff; BLAGOJEVIC, Marina; HARRISSON, Katherine (Eds.). *Rethinking Transnational men: beyond, between and within nations*. London: Routledge, 2013, p. 219-238.
- BUREYCHAK, Tetyana. In Search of Heroes: Vikings and Cossacks in Present Sweden and Ukraine. *Norma: Nordic Journal for Masculinities Studies*. v. 7, n. 2, p. 139-159, 2012.
- CANDIDO, Maria Regina (org.). *Mitologia germano-escandinava: do caos ao apocalipse*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. A interpenetração da cosmogonia religiosa com a história entre os escandinavos. *Nearco: revista eletrônica de antiguidade, UERJ*, v. 5, n. 1, p. 8-19, 2012 (edição especial: *Germanos, da Antiguidade ao ano mil*, organizada por Johnni Langer e Luciana de Campos).
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Aspectos da cosmogonia e da cosmografia escandinavas. *Brathair* v. 6, n. 2, p. 32-48, 2006 (Dossiê: *Mitologia germânica e celta*, organizado por Johnni Langer e Luciana de Campos).

- CARDOSO, Ciro Flamarion. O paganismo anglo-saxão: uma síntese crítica. *Brathair* v. 4, n. 1, p. 19-35, 2004a (dossiê: *Mitologia e religião germânica e celta*, organizado por Johnni Langer e João Lupi).
- CARDOSO, Ciro. Beowulf e as estruturas da Escandinávia Pré-Viking. *Notícias Asgardianas* n. 44, fevereiro-março de 2004b.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. O paganismo na Europa Setentrional, entrevista concedida a Johnni Langer, *Brathair* v. 4, n. 2, p. 164-169, 2004c.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. O conto islandês de Helgi Thorisson (século XIV). In: *Narrativa, sentido, história*. São Paulo: Papyrus, 1997, p. 67-83.
- CARNAC, Pierre. *A atlântida de Cristovão Colombo*. São Paulo: Difel, 1973.
- CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.
- DILLMAN, François-Xavier. *Les magiciens dans l'Islande ancienne: Études sur la représentation de la magie islandaise et de ses agents dans les sources littéraires norroises*. Acta Academiae regiae Gustavi Adolphi 102. Uppsala: Kungl. Gustav Adolfs Akademien för svenskfolkkultur, 2006.
- DOWNHAM, Clare. Hiberno-Norwegians' and 'Anglo-Danes': anachronistic ethnicities and Viking-Age England. *Mediaeval Scandinavia* n. 19, p. 139-169, 2009.
- DUBOIS, Thomas. Rituals, witnesses, and sagas. *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 74-78.
- DUBOIS, Thomas. *Nordic religions in the Viking Age*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- FILIPPO, Laurent Di. *Du mythe au jeu Approche anthropo-communicationnelle du Nord*. Des récits médiévaux scandinaves au MMORPG Age of Conan: Hyborian Adventures. Tese de doutorado em Ciências das Informações, Comunicações e Estudos Nórdicos, Universidade de Lorraine, 2016. <https://bit.ly/2TREjHk>

FIMI, Dimitra. Tolkien and Old Norse Antiquity: Real and Romantic Links in Material Culture. In: CLARK, David (Ed.). *Old Norse made new*. London: Viking Society for Northern Research, 2007, p. 83-99.

FINNEGAN, Ruth. *Oral Poetry: its nature, significance, an osical context*. Indianapolis: Indiana University Press, 1992, segunda edição (original 1977).

FJALLDAL, Magnús. The Last Viking Battle. *Scandinavian Studies*, v. 87, n. 3, p. 317-331, 2015.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. O paganismo escandinavo entre a recepção e a imaginação: a Vita Anskari de Rimbert e as Gesta Hammaburgensis de Adam de Bremen. *Hist. R.*, Goiânia, v. 24, n. 1, 2019, p. 135-155.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. Um ensaio historiográfico sobre a Escandinavística brasileira. In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João (Org.). *A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017*. Curitiba: Editora Prismas, 2019, pp. 23-58.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

GUIMARÃES, Maria Lúcia Pascoal. Uma parceria inesperada: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Sociedade Real dos Antiquários do Norte. *Separata da Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 155, n. 383, p. 499-511, 1994.

GUIMARÃES, Maria Lúcia Pascoal. Pedro Lund. In: VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 575-576.

GUÐMUNDSDÓTTIR, Aðalheiður. The narrative role of magic in the Fornaldarsögur. *ARV* 70, 2015, p. 39-56.

HARRIS, Joseph. Eddic Poetry. In: CLOVER, Carol & LINDOW, John (Eds.). *Old Norse-icelandic literature: a critical guide*. Toronto/London: University of Toronto Press, 2005.

HAYMES, Edward. The Germanic Heldenlied and the Poetic Edda. *Oral tradition* vol. 19, n.1, 2004, p. 43-62.

HAYWOOD, John. *Encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames and Hudson, 2000.

HEIDE, Eldar. Bárðar Saga as a Source for Reconstruction of Pre- Christian Religion?

In: SÄVBORG, Daniel & BEK-PEDERSEN, Karen (Eds.). *Folklore in Old Norse – Old Norse in Folklore*. Nordistica Tartuensia 20, 2014, p. 170-180.

HERMANN, Pernille. Methodological Challenges to the Study of Old Norse Myths: The Orality and Literacy Debate Reframed. In: HERMANN, Pernille; SCHJØDT, Jens Peter; ROSE, Amber (Eds.). *Old Norse Mythology – Comparative Perspectives*. Milman Parry Collection of Oral Literature 3. Cambridge, MA: Milman Parry Collection of Oral Literature, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3l1ThV7>

HIRST, K. Kris. The Pre-Viking Legend of Ragnarök: The Old Norse Classic Myth of the End of the World. *ThoughtCo.*, 3 de fevereiro de 2019. <https://bit.ly/2Tmv8cw> Acesso em 7 de março de 2019.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLTEN, Birgitte; GUIMARÃES, Maria Lúcia Pascoal. *O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Real Sociedade dos Antiquários do Norte e o Dr. Peter Wilhelm Lund: a suposta presença escandinava na Terra de Santa Cruz e a ciência*. Texto preparado para entrega no Encontro de 1997 da Latin American Studies Association, Continental Plaza Hotel, Guadalajara, México, 17-19 de abril de 1997a. Disponível em: <https://bit.ly/2OjcRMm> acesso em 15 de março de 2019.

HOLTEN, Birgitte; GUIMARÃES, Maria Lúcia Pascoal. Desfazendo ilusões: o dr. Lund e a suposta presença escandinava na terra de Santa Cruz. *Locus: revista de História*, UFJF, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 32-44, 1997b.

HOMET, Marcel. *Os filhos do sol*. São Paulo: Difel, 1959.

- IÖLSTER, Nelly Egger. Fenómenos sobrenaturales en las sagas islandesas. *Temas medievales* n. 9, p. 23-42, 1999.
- KLINE, Daniel T. (Ed.). *Digital gaming re-imagines the Middle Ages*. London: Routledge, 2014.
- KNUTSON, Sara Ann. The Materiality of Myth: Divine Objects in Norse Mythology. *Temenos* 55, n. 1, 2019, p. 29-53.
- LA VANGUARDIA. *Un congreso de paisajes culturales sagrados reúne expertos de cuatro países*, Madrid, 3 de outubro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2TNnWvj> Acesso em 05 de março de 2019.
- LANGER, Johnni. The Wolf's Jaw: an Astronomical Interpretation of Ragnarök, *Archaeoastronomy and Ancient Technologies*, Southern Federal University (Russian Federation) v. 6, n. 1, pp. 1-20, 2018.
- LANGER, Johnni. Era Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017a, p. 212-220.
- LANGER, Johnni. Escandinávia. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017b, p. 226-229.
- LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017c, p. 706-718.
- LANGER, Johnni. Estudos Nórdicos Medievais: alguns apontamentos historiográficos *Roda da Fortuna*: Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo v. 6, n. 1, p. 9-24. 2017d (Dossiê: *Estudos Nórdicos Medievais*, organizado por Johnni Langer).
- LANGER, Johnni. Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval. *Horizonte* v. 14, n. 43, p. 909-936, 2016.
- LANGER, Johnni. Constelações e mitos celestes na Era Viking: reflexões historiográficas e etnoastronômicas, *Roda da Fortuna* v. 1, n. 4, p. 107-130, 2015a.

- LANGER, Johnni. A arqueologia da religião nórdica na Era Viking: perspectivas teóricas e metodológicas. *Signum* vol. 16, n. 1, 2015b, p. 4-27.
- LANGER, Johnni. Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da Njáls saga. *Revista Brasileira de História das Religiões* n. 10, 2011, p. 1-22.
- LANGER, Johnni. Símbolos religiosos dos Vikings: guia iconográfico. *História, imagem e narrativas*, n. 11, p. 1-28, 2010a.
- LANGER, Johnni. Seiðr e magia na Escandinávia Medieval: reflexões sobre o episódio de Þorbjörg na Eiríks saga rauða. *Signum*, Revista da ABREM: Associação Brasileira de Estudos Medievais, v. 11, n. 1, p. 177-202, 2010b.
- LANGER, Johnni. Galdr e Feitiçaria nas Sagas Islandesas: Uma Análise do Poema Buslubæn. *Brathair* v. 9, n.1, p. 66-90, 2009 (*Dossiê Sagas islandesas*, organizado por JohnniLanger e Álvaro Bragança Júnior).
- LANGER, Johnni. Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking. *Brathair* v. 6, n. 2, p. 48-78, 2006 (*Dossiê Mitologia Germânica e Celta*, organizado por Johnni Langer e Luciana de Campos).
- LANGER, Johnni. Guerreiras de Óðinn: as Valkyrjor na Mitologia Viking. *Brathair* v. 4, n.1, p. 52-69, 2004.
- LANGER, Johnni. Morte, sacrifício humano e renascimento: uma interpretação iconográfica da runestone Viking de Hammar I. *Mirabilia Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages*, v. 3, n.3, p. 93-123, 200a3.
- LANGER, Johnni. Book review: Jesse Byock, Viking Age Iceland. *European Journal of Archaeology*, v. 6, n.3, p. 328-330, 2003b.
- LANGER, Johnni. Os vikings e o estereótipo do bárbaro no ensino de história. *História & Ensino*, Universidade Estadual de Londrina, v. 8, p. 85-98, 2002a.

- LANGER, Johnni. The origins of the imaginary Viking, *Viking Heritage* n. 4, Universidade da Gotlândia, Suécia, p. 6-9, 2002.
- LARSSON, Lars. The Iron Age ritual building at Uppåkra, southern Sweden. *Antiquity* 81, 2007, p. 11-25.
- LESLIE, Helen. Younger Icelandic Manuscripts and Old Norse Studies. In: *RMN Newsletter*, Universidade de Helsinki, v. 4, p. 148-161, 2012.
- LESLIE, Helen. *Prose Contexts of Eddic Poetry, Primarily in the Fornaldarsögur*. Tese de doutorado em Estudos Nórdicos pela Universidade de Bergen, Noruega, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2HKTrii> Acesso em 02 de março de 2019.
- LUND, Peter. *Ilmo sr. Conego Januario da Cunha Barboza*. Copenhagen: Biblioteca Real, 1839 (manuscrito, NKS 2677 II 2º.)
- MAHIEU, Jacques de. *Os vikings no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- MANEA, Irina-Maria, *Valhalla Rising: The Construction of Cultural Identity through Norse Myth in Scandinavian and German Pagan Metal*. Tese de doutorado em História, Universidade de Bucareste, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2FqP8Y0> acesso em 16 de março de 2019.
- MCKENZIE, Alicia. Sword-point and blade will reconcile us first: The Vikings in the English Context. *23rd Forward into the Past Conference*, Laurier University, Canadá, p. 1-16, 2013.
- MCTURK, Rory (Ed.). *A companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blacwell Publishing, 2007.
- MIRANDA, Pablo Gomes de. Halfdanar saga Svarta - A Saga de Hálfðan, o Negro. *Brathair* v. 11, n.1, p. 116-123, 2011 (*Dossiê Estudos Vikings*, organizado por Johnni Langer).
- MIRANDA, Pablo Gomes de. Seguindo o Urso e o Lobo: Discussões Sobre os Elementos Religiosos dos Berserkir e dos ulfheðnar. *História, imagem e narrativas* n. 11, p. 1-14, 2010.

- MITCHELL, Stephen. Continuity: Folklore's Problem Child? In: SÄVBORG, Daniel & BEK-PEDERSEN, Karen (Eds.). *Folklore in Old Norse – Old Norse in Folklore*. Nordistica Tartuensia 20, 2014, p. 41-58.
- MITCHELL, Stephen. Learning magic in the sagas. In: BARNES, Geraldine & ROSS, Margaret Clunie. (Ed.) *Old Norse Myths: literature and society*. Sydney: Centre for Medieval Studies, 2000, p. 335-345.
- MORAWIEC, Jakub. Anonimowy poemat Liðsmannaflokkur i problem jego odbiorcy. Ślad pobytu córki Mieszka i, matki Knuta wielkiego, w Anglii? *Studia Źródłoznawcze*, tomo XLVI, p. 17-34, 2009.
- MUNDAL, Else. The perception of the Saamis and their religion in Old Norse sources. In: PENTIKAINEN, Juha (Ed.). *Shamanism and Northern Ecology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996, p. 97-116.
- NEIVA, Weber; LANGER, Johnni. Valquírias versus gigantes: Modelos marciais femininos na mitologia escandinava. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, n.13, p. 1-29, 2012.
- NORDBERG, Andreas; WIKSTRÖM, Klas; SUNDQVIST, Olof (Eds.). *Myth, Materiality, and Lived Religion In Merovingian and Viking Scandinavia*. Stockholm: Stockholm University Press, 2019.
- NORDBERG, Andreas. Circular flow of tradition in Old Norse religion. *Forn Vännen* 113, 2018, p. 76-88.
- NORDBERG, Andreas. Continuity, change and regional variation in Old Norse religion. In: RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter (Eds.). *More than Mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in Pre-Christian Scandinavian religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 119-152.
- ORNING, Hans Jacob. Legendary sagas as historical sources. *Tabularia "Études"* n. 15, 2015, p. 57-73.

- OUELLETTE, Jennifer. "Wolf's jaw" star cluster may have inspired parts of Ragnarök myth: Passing comets and eclipses may have stoked fears of pending apocalypse. *Ars technica*, 16 de novembro de 2018. <https://bit.ly/2IqEvIE> Acesso em 10 de março de 2019.
- PÁLSSON, Gísli. *The textual life of savants: ethnography, Iceland and the linguistic turn*. Switzerland: Harwood Academic Publishers, 1995.
- PÉREZ, Rafael Garcia. La conjunción coordinativa en del antiguo nórdico y su traducción a las lenguas Românicas: el ejemplo de la Hálfðanar saga svarta en Español, Francés y Portugués. *ДИСКУССИОННЫЕ ВОПРОСЫ РОМАНИСТИКИ*, Minski, p. 97-117, 2018.
- PORTO ALEGRE, Manuel. Relatorio sobre a inscrição da Gávia, mandada examinar pelo Instituto. *Revista do IHGB* n. 2, segundo trimestre, p. 76-81, 1839, tomo I.
- PRICE, Neil. Prefácio. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017, p. 17-19.
- RAFN, Carl Christian. Memoria sobre o descobrimento da américa no século decimo. *Revista do IHGB* n. 6, p. 210-236, tomo II, 1840a.
- RAFN, Carl Christian. *Carta ao secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, datada de Copenhague, 21 de abril de 1840b, oferecendo volumes da Sociedade Real dos Antiquários do Norte. Arquivo do IHGB, lata 141, documento manuscrito 46.
- RAUDVERE, Catharina. Fictive rituals in Völuspá: mythological narration between agency and structure in the representation of reality. In: RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter (Eds.). *More than Mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in Pre-Christian Scandinavian religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 97-118.
- RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter. The study of Pre-Christian Scandinavian Religions: trends and perspectives. In: RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter (Eds.). *More than Mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in Pre-Christian Scandinavian religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 7-12.

- ROBLES, Alberto. El furor y el rugido: la figura del Berserkr en los medios audiovisuales (cine, televisión y documental). *Fuera de Campo*, v. 2, n. 2, p. 53-69, 2018.
- RODRIGUES, J. Barboza. Antigüidades do Amazonas I. *Ensaio de Ciencia*, Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, v. I, p. 93-125, março de 1876.
- ROSS, Margaret Clunies. *Old Norse Myth and cognition*. In: BRINK, Stefan & COLLINSON, Lisa (Eds.). *Theorizing Old Norse Myth*. Turnhout: Brepols Publishers, 2017.
- SANTIAGO, Felipe Cordeiro. La Saga de Thorstein: El águila sobre la cruz. *Revista Estudios*, v. 32, n. 1, p. 1-24, 2016.
- SANTOS, Amanda Basílio. Por um norte medieval historicizado: estudos medievalistas do Norte europeu e o estado da questão no Brasil. *História em Revista*, UFPEL, n. 21-22, p. 70-85, 2015-2016.
- SANTOS, Sérgio Ferreira; LANGER, Johnni. Fúria odínica: a criação da imagem oitocentista sobre os Vikings. *Varia Historia*, UFMG, n. 25, p. 214-230, 2001.
- SCHJØDT, Jens Peter. The reintroduction of comparative studies as a tool for reconstructing Old Norse Religion. In: BRINK, Stefan; COLLINSON, L. (Eds.). *Theorizing Old Norse Myth*. London: Brepohls, 2017, p. 51-65.
- SCHJØDT, Jens Peter. Reflections on aims and methods in the study of Old Norse Religion. In: RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter (Eds.). *More than Mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in Pre-Christian Scandinavian religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 161-287.
- SCHJØDT, Jens Peter. *Initiation between two worlds: structure and symbolism in pre-Christian Scandinavian religion*. Odense: The University Press of Southern Denmark, 2008.
- SCHJØDT, Jens Peter. Contemporary Research Into Old Norse Mythology. In: HERMANN, Pernille; KRISTENSEN, Rasmus Trandum; SCHJØDT, Jens Peter (Eds.). *Reflections on Old Norse Myths*. Turnhout: Brepols, 2007, pp. 1 – 16.

SCHUCH, Roch. *Carta ao conego Januario Barbosa sobre as inscrições da Gávea*. Rio de Janeiro: IHGB, 17 de setembro de 1839 (manuscrito, lata 140, documento 54).

SEWELL, Tara. Common misconceptions of the medieval period in Modern American popular culture. In: HILL, Darci N. (Ed.). *News from the Raven: Essays from Sam Houston State University on Medieval*, Cambridge Scholars Publishing, 2014, p. 50-69.

SIGURÐSSON, Gísli. The Oral Background of the Eddas and Sagas. *Classics@* 14, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2yK2N8v>

SIGURÐSSON, Gísli. *The medieval icelandic saga and oral tradition: a discourse on method*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2004.

SONNE, Lasse Christian Arboe. *Thor-kult i vikingetiden: historiske studier i vikingetidens religion*. Københavns: Københavns Universitet, 2013.

SUNDQVIST, Olof. The Temple, the Tree, and the Well: A Topos or Cosmic Symbolism at Cultic Sites in Pre-Christian Northern Europe? In: HERMANN, Pernille; SCHJØDT, Jens Peter; ROSE, Amber (Eds.). *Old Norse Mythology – Comparative Perspectives*. Milman Parry Collection of Oral Literature 3. Cambridge, MA: Milman Parry Collection of Oral Literature, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2YGX0Ql>

SUPÉRY, Joël. Invasions vikings, une faillite française. *Academia.Edu*, p. 1-8, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Y7AkVz> Acesso em 16 de março de 2019.

SUPÉRY, Joël. Viking invasions, a French failure? French Historians never studied Viking invasions in France: explanations. *Academia.Edu*, p. 1-9, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2OiqbRb> Acesso em 16 de março de 2019.

SVENDSEN, Gert & SVENDSEN, Gunnar. How did Trade Norms Evolve in Scandinavia? Long-Distance Trade and Social Trust in the Viking Age. *Economic Systems*, v. 40, n. 2, p. 198-205, 2016.

SVENDSEN, Gert & SVENDSEN, Gunnar. From Vikings to Welfare: Early State Building and Social Trust in Scandinavia. Paper presented at *14th Annual Conference of The International*

Society for New Institutional Economics, Stirling, United Kingdom, ISNIE 2010, p. 1-21.

Disponível em: <https://bit.ly/2ukwgn3> Acesso em 15 de março de 2019.

TAGGART, Declan. Do Thor and Odin Have Bodies? Superperception and Divine Intervention among the Old Norse Gods. *Religions* 2019, 10(8), 468, p. 1-21.

THOMPSON, Gary. *Ancient Zodiacs, Star Names, and Constellations: Essays and Annotated Bibliographies*. 2001-2018, Melton West, Austrália. <https://bit.ly/2HA7cRz> TORRES, Fiorina Matilde Macedo. Sigurd/Brynhild e Javier Otárola/Ulrica: uma aproximação que singulariza. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 139-149, 1997.

TOOLEY, Clive. The peripheral at the centre: the subversive intente of Norse Myth and magic. *Arv: Nordic Yearbook of Folklore*, vol. 70, 2014, pp. 15-37.

TOOLEY, Clive. *Shamanism in norse myth and magic*, 2 vol. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2009.

TULINIUS, Torfi. Resenha de Dillmann, F. Les magiciens dans l'Islande ancienne. *Early Medieval Europe*, n. 17, v. 1, p. 97-98, 2009.

TULINIUS, Torfi H. Sagas of icelandic Prehistory. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blacwell Publishing, 2007, p. 447-461.

VADILLO, Mônica Ann Walker. Comic books featuring the Middle Ages. *Itinéraires: Littérature, textes, cultures* 3, p. 153-163, 2010. (Dossiê: Médiévalisme: Modernité du Moyen Âge).

WAGNER, Emilio Roger. *Archéologie Comparée: résumé de Préhistoire*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1946.

WEGENER, Bernhard. Der Tod des Todes. *Zeitschrift für Spiritualität und Transzendente Psychologie*, v. 1, n. 2, p. 167-179, 2011.

ZACHRISSON, Torum et al. *Myth, materiality, and lived religion in merovingian and viking Scandinavia*. Stockholm: Stockholm University Press, 2019.